

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

ANA PAULA DA FONSECA VIEIRA

**FONTES DE INFORMAÇÃO COMO RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS: UM  
ESTUDO COM A COMUNIDADE BIBLIOTECÁRIA GOIANA**

Goiânia

2016

ANA PAULA DA FONSECA VIEIRA

**FONTES DE INFORMAÇÃO COMO RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS: UM  
ESTUDO COM A COMUNIDADE BIBLIOTECÁRIA GOIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Biblioteconomia da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. M<sup>a</sup>. Lais Pereira de Oliveira.

Goiânia

2016

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

V657f

Vieira, Ana Paula da Fonseca

Fontes de informação como recursos educacionais abertos: um estudo com a comunidade bibliotecária goiana. [manuscrito] /Ana Paula da Fonseca Vieira. – 2016.

83 f. : il.

Orientador: Prof<sup>ª</sup>. M<sup>ª</sup>. Lais Pereira de Oliveira

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Curso de Biblioteconomia, Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, 2016.

1. Fontes de informação. 2. Recursos educacionais abertos.  
2. Biblioteconomia I. Oliveira, Lais Pereira de. II. Título

CDU: 02:316.776.32

ANA PAULA DA FONSECA VIEIRA

**FONTES DE INFORMAÇÃO COMO RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS: UM  
ESTUDO COM A COMUNIDADE BIBLIOTECÁRIA GOIANA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Graduação em Biblioteconomia da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás, para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, pela Banca Examinadora constituída pelas seguintes professoras:

---

Prof<sup>ª</sup>. M<sup>ª</sup>. Lais Pereira de Oliveira – Presidente da Banca  
Universidade Federal de Goiás

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria de Fátima Garbelini – Membro examinador  
Universidade Federal de Goiás

Aos meus pais Miguel e Maria  
e meu irmão Eduardo!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal de Goiás por agregar aos alunos a oportunidade de ir atrás de um conhecimento que nos será válido para toda uma vida. Agradeço a todas as experiências que tive dentro da Universidade e a caminho da mesma. Como por exemplo, assaltos praticados pelos macacos, convivência com essa pluralidade cultural, convivência com outros cursos em que a comunicação era fundamental, núcleos livres, diversidade no clima, sem falar das histórias dentro dos ônibus a caminho do campus.

Agradeço à FACOMB, ou melhor, agora conhecida como Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) por abranger um ambiente de ensino que nos proporcione o crescimento profissional. Agradeço ao curso de Biblioteconomia, por possibilitar um ensino de qualidade para a nossa formação, em que houve momentos de angústia, estresse, sofrimento, medo, garra e felicidade. Agradeço aos professores que de certo modo, influenciaram para que sejamos ótimos profissionais e principalmente a seguir nessa carreira de bibliotecário, em que gosto muito.

De maneira especial, gostaria de agradecer aos professores que influenciaram-me como pessoas, como profissionais e acima de tudo como grandes mestres do saber. Em especial à Prf<sup>a</sup>. M<sup>a</sup>. e aspirante a D<sup>a</sup>. Luciana Cândida da Silva (tifuzinho), com seu jeito todo criterioso, dominante da arte de “representação descritiva” e também pelo show que deu durante sua posse na coordenação. Também à Prof<sup>a</sup>. Dr. Maria de Fátima Garbelini com seu extremo espírito de gentileza e principalmente inspiradora para as diversas áreas de atuação do profissional, além é claro de ser a professora das fontes de informação, pois sempre tinha algum material ou contato que pudesse ajudar.

Às amigas feitas dentro do ônibus universitário de Trindade que me proporcionou momentos únicos de conversas, de brincadeiras, de experiências e também momentos de aprendizado. Ao café da manhã na lanchonete Delícias do Campus em que tive muitos momentos descontraídos com brincadeiras e trocas de experiências.

Agradeço também aos vínculos de amigas criadas dentro do curso que contribuíram de alguma forma para a minha formação, em especial, ao grupo de “bassouras”: Álissa, Franciele, Mayra, Maylda e Stéphanie. Um grupo com pessoas totalmente diferentes. Mas essas diferenças foram o ponto chave da nossa amizade, onde cada uma utilizava a sua diferença no momento certo para ajudar uma a outra. Com vocês tive momentos de extrema felicidade, apreensão, união para passar em uma determinada disciplina, estresse, criatividade foco, discussões, confraternizações diferenciadas, fotografias indescritíveis, teatro em

seminários, aniversários surpresa e acima de tudo, o aprendizado. Tenho certeza que ao longo desses quatro anos de formação, absorvi ensinamentos que não se justificam. Portanto, apenas agradeço, pois essa amizade tornou minha formação acadêmica mais rica enquanto pessoa e também profissional. Não posso deixar de agradecer a amizade que tive com a “gangue” da Jocélia, em que tive vários momentos descontraídos, conselhos, desabafos e também momentos de estudo coletivo.

Agradecimento também especial à Prof<sup>ª</sup>. M<sup>a</sup>. Lais Pereira de Oliveira, minha orientadora e capricorniana. O nosso primeiro contato ocorreu dentro da sala de aula, como minha professora e a partir de então foi uma longa caminhada de inspiração, ensinamento e aprendizado. Agradeço pela paciência, pela extrema dedicação e auxílio no decorrer do meu processo de aprendizagem, mas é claro, não posso esquecer dos momentos psicólogos. Enfim, foi criada uma relação onde existia seriedade, descontração e comprometimento, fazendo com que o último ano de formação se tornasse algo frutivo.

Agradeço finalmente à minha família que de alguma forma me auxiliou durante esse processo. Em especial, aos meus pais e irmão que com a criação através do amor e humildade, proporcionou o que sou hoje e o que conquistei até então. Pela confiança e apoio durante esses quatro anos. Por último, mas não menos importante, agradeço à Deus pelo extremo auxílio espiritual e pela condução aos caminhos que passei, colocando pessoas maravilhosas e inspiradoras durante esta caminhada.

A abundância de informação gera carência de atenção.

Herbert Simon

## RESUMO

Analisa os recursos educacionais abertos enquanto fontes de informação. Constitui estudo quantitativo, realizado mediante pesquisa exploratória e descritiva, aplicada à três públicos: discentes e docentes da Universidade Federal de Goiás e profissionais atuantes em Goiânia (GO). A técnica de coleta foi questionário com perguntas fechadas. Os resultados indicam que a utilização de recursos educacionais abertos em termos profissionais, predomina entre o público docente. Quanto ao uso pessoal foram constatados diversos níveis de interação entre os sujeitos da comunidade bibliotecária objeto do estudo e os recursos educacionais abertos. Conclui-se que os recursos educacionais abertos, enquanto fonte diferenciada de informação, são utilizados pela comunidade em questão, ainda que nem todo o público tenha o mesmo nível de percepção na utilização dos mesmos.

**Palavras-chave:** Recursos educacionais abertos. Fontes de informação. Comunidade bibliotecária.

## **ABSTRACT**

It analyzes open educational resources as sources of information. It is a quantitative study, conducted by exploratory and descriptive research, applied to three public: students and teachers of the Federal University of Goiás and professionals working in Goiânia (GO). The collection technique was a questionnaire with closed questions. The results indicate that the use of open educational resources in professional terms, predominates among teaching public. As for the personal use were found different levels of interaction among the subjects of the librarian community object of the study and open educational resources. It is concluded that the open educational resources, as a differentiated source of information, are used by the community in question, although not all the public has the same level of perception in the use of them.

**Keywords:** Open educational resources. Sources of information . Librarian community.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Logotipo global de REA.....	24
Figura 2	Alguns exemplos de REA.....	26
Figura 3	Plataformas abertas e softwares livres.....	27
Figura 4	Todos dos direitos reservados.....	30
Figura 5	Alguns direitos reservados.....	30
Figura 6	Nível de restrição.....	32

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Descrição da população da pesquisa	38
Tabela 2	Percepção de REA e Fontes de Informação	69
Tabela 3	Aplicabilidade de REA	69
Tabela 4	Realização de pesquisas em plataformas abertas e suas permissões de uso	70
Tabela 5	Barreiras para o acesso de REA	71

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Concepções de Educação Aberta	28
Quadro 2	Licenças para permissão de uso	31
Quadro 3	Desenho da pesquisa	41

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Categorização do sexo (discentes)	42
Gráfico 2	Faixa etária (discentes)	43
Gráfico 3	Cargo exercido (discentes)	43
Gráfico 4	Tempo que exerce o cargo (discentes)	44
Gráfico 5	Conhecimento sobre REA na Biblioteconomia (discentes)	45
Gráfico 6	Conhecimento sobre esse tipo diferenciado de fonte de informação (discentes)	45
Gráfico 7	Utilização de REA pelos alunos	46
Gráfico 8	Permissão de uso (discentes)	48
Gráfico 9	Grau de credibilidade de informações encontradas na internet (discentes)	49
Gráfico 10	Critérios para a utilização de Fontes de Informação na Internet (discentes)	49
Gráfico 11	Barreiras encontradas para o acesso de conteúdos REA (discentes)	50
Gráfico 12	Faixa etária (docentes)	51
Gráfico 13	Formação acadêmica (docentes)	52
Gráfico 14	Tempo que concluiu a graduação em Biblioteconomia (docentes)	52
Gráfico 15	Tempo que exerce o cargo (docentes)	53
Gráfico 16	Conhecimento sobre REA na Biblioteconomia (docentes)	54
Gráfico 17	Conhecimento sobre esse tipo diferenciado de fonte de informação (docentes)	54
Gráfico 18	Utilização de REA pelos professores	55
Gráfico 19	Pesquisas em plataformas abertas (docentes)	56
Gráfico 20	Permissão de uso (docentes)	57
Gráfico 21	Grau de credibilidade de informações encontradas na internet (docentes)	57
Gráfico 22	Critérios para a utilização de Fontes de Informação na Internet (docentes)	58
Gráfico 23	Barreiras encontradas para o acesso de conteúdos REA (docentes)	59
Gráfico 24	Categorização do sexo (bibliotecários)	60
Gráfico 25	Faixa etária (bibliotecários)	60

Gráfico 26	Formação acadêmica (bibliotecários)	61
Gráfico 26	Tempo que concluiu a graduação em Biblioteconomia (bibliotecários)	61
Gráfico 28	Cargo exercido (bibliotecários)	62
Gráfico 29	Tempo que exerce o cargo (bibliotecários)	63
Gráfico 30	Conhecimento sobre REA na Biblioteconomia (bibliotecários)	63
Gráfico 31	Conhecimento sobre esse tipo diferenciado de fonte de informação (bibliotecários)	64
Gráfico 32	Utilização de REA pelos bibliotecários	64
Gráfico 33	Pesquisas em plataformas abertas (bibliotecários)	65
Gráfico 34	Permissão de uso (bibliotecários)	66
Gráfico 35	Grau de credibilidade de informações encontradas na internet (bibliotecários)	67
Gráfico 36	Critérios para a utilização de Fontes de Informação na Internet (bibliotecários)	67
Gráfico 37	Barreiras encontradas para o acesso de conteúdos REA (bibliotecários)	68

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CC	Creative Commons
CRB-1	Conselho Regional de Biblioteconomia – 1ª Região
CFB	Conselho Federal de Biblioteconomia
EA	Educação Aberta
REA	Recursos educacionais abertos
UFG	Universidade Federal de Goiás
UnB	Universidade de Brasília
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
1.1 JUSTIFICATIVA E DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA .....	16
1.2 OBJETIVOS .....	18
<b>1.2.1 Objetivo geral.....</b>	<b>18</b>
<b>1.2.2 Objetivos específicos.....</b>	<b>18</b>
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>19</b>
2.1 FONTES DE INFORMAÇÃO .....	19
2.2 CLASSIFICAÇÃO DE FONTES DE INFORMAÇÃO .....	21
2.3 RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS: ORIGENS E ASPECTOS CON_	
CEITUAIS .....	23
<b>2.3.1 Educação Aberta .....</b>	<b>27</b>
2.4 LICENÇAS DE USO .....	29
2.5 O PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO .....	32
2.6 REA COMO FONTES DE INFORMAÇÃO .....	33
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>35</b>
3.1 DELIMITAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA .....	35
3.2 UNIVERSO E AMOSTRA .....	36
3.3 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA .....	37
3.4 INSTRUMENTOS E TÉCNICAS DE COLETAS DE DADOS .....	38
<b>3.4.1 Pré-teste .....</b>	<b>39</b>
3.5 ETAPAS DA PESQUISA .....	40
3.6 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS .....	40
3.7 DESENHO DA PESQUISA.....	41
<b>4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS .....</b>	<b>42</b>
4.1 DADOS OBTIDOS COM OS ALUNOS.....	42
4.2 DADOS OBTIDOS COM PROFESSORES.....	51
4.3 DADOS OBTIDOS COM PROFISSIONAIS BIBLIOTECÁRIOS.....	59
4.4 ANÁLISE AGREGADA DOS TRÊS PÚBLICOS .....	68
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>72</b>
5.1 SUGESTÃO DE ESTUDOS FUTUROS.....	74
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>75</b>
<b>APÊNDICE A – Questionário .....</b>	<b>79</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Um grande número de informações são produzidas e difundidas diariamente. Conteúdos relacionados à economia, entretenimento, política, além de materiais educacionais e noticiosos, no qual a tecnologia potencializa a sua rapidez no compartilhamento e disseminação. Sendo assim, “com o aumento do número de usuários, serviços e acessos à Internet, o ambiente digital torna-se uma indispensável fonte de informação” (RODRIGUES; BLATTMANN, 2014, p. 8).

Uma das principais características da Web é o fato de estarmos conectados com o mundo. É possível acessar conteúdos de municípios, estados e países diferentes; acessar documentos como imagens, vídeos, áudios e textos sem sair do lugar; acessar redes sociais, enfim, facilitando a comunicação, auxiliando na rapidez com que as informações se disseminam. O crescimento atual:

no volume de informações científicas e tecnológicas produzidas e disponibilizadas possibilitou uma ampliação na oferta de fontes de informação pelos produtores comerciais, científicos e institucionais em variados suportes – tanto impressos e eletrônicos – e em diversificados formatos (textos, gráficos, fórmulas químicas, dados espectrais, dados numéricos e outros (NOVELLI, 2014, p. 32).

O usuário deixou de ser estático e passou a interagir, opinar, ser autônomo e ativo na produção de informação. Uma certa “democratização” da produção de conteúdos passou a ocorrer. Neste cenário pode-se induzir que atividades de pesquisa e estudo são facilitadas, já que cada pessoa pode se tornar “autor” de diversos materiais e disponibilizá-los na internet. “Nesse sentido, é preciso reconhecer que as fontes de informações não são apenas aquelas que estão disseminadas em suportes convencionais” (ARAUJO; FACHIN, 2015, p. 83).

No entanto, é importante atentar se estes materiais possuem a liberação do autor – licenças de uso – como por exemplo o *Copyright* ou o *Creative Commons*. Caso o material apresente a liberação do autor, ele passa a ser considerado um recurso educacional aberto (REA). De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (2011), REA são:

materiais de ensino, aprendizado e pesquisa em qualquer suporte ou mídia, que estão sob domínio público, ou estão licenciados de maneira aberta, permitindo que sejam utilizados ou adaptados por terceiros. O uso de formatos técnicos abertos facilita o acesso e o reuso potencial dos recursos publicados digitalmente. Recursos Educacionais Abertos podem incluir cursos completos, partes de cursos, módulos, livros didáticos, artigos de pesquisa, vídeos, testes, software, e qualquer outra ferramenta, material ou técnica que possa apoiar o acesso ao conhecimento.

Este tipo de material possibilita, na educação, a promoção da autoria. Qualquer pessoa pode encontrar, criar, adaptar, usar e finalmente compartilhar, possibilitando que outra ou outras pessoas realizem o mesmo processo, seja ela trazendo o material para um contexto regional ou simplesmente aderindo novas características. Por fim, criando um mundo com várias **fontes de informação**, onde seu principal objetivo é proporcionar materiais abertos para a educação.

Uma das principais características do profissional bibliotecário é lidar com a informação, seja no seu processo de análise temática ou física, nos mais variados suportes, buscando organizar, gerenciar e disponibilizar a informação. Diante deste cenário, pretende-se analisar o uso de REA pela comunidade bibliotecária - tanto graduandos quanto profissionais formados - compreender se conhecem o termo, se acessam plataformas, se já trabalharam com estes recursos, se conhecem as licenças, enfim entender como esta comunidade lida com esta **fonte de informação** diferenciada, a nível pessoal e também profissional.

No primeiro capítulo são apresentados: a justificativa, a delimitação do problema, objetivos gerais e específicos. O segundo expõe a revisão de literatura, que trata de assuntos como: fontes de informação, classificação das fontes, aspectos sobre recursos educacionais abertos, educação aberta, tipos de licenças, profissional da informação e o vínculo entre fontes e REA. O terceiro capítulo apresenta: a metodologia utilizada, com a delimitação do campo, universo e amostra, a classificação da pesquisa, instrumentos e técnicas de coleta, pré-teste, procedimentos de análise e desenho da pesquisa. O quarto capítulo fica responsável pela análise e interpretação dos dados. No quinto, tem-se a conclusão e algumas sugestões de pesquisas futuras.

## 1.1 JUSTIFICATIVA E DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Os recursos educacionais abertos vêm sendo estudados na área de psicologia, educação e tecnologia da informação. A escolha deste objeto de estudo foi motivado pela vontade em trabalhar um tema pouco abordado na Biblioteconomia, trazendo-o para a realidade de fontes de informação. De acordo Tomanik (2004) o cientista deve tomar o cuidado de se fechar em sua área de estudo, tornando um superespecialista e esquecendo que a ciência pode oferecer muito mais do que se imagina.

Atentando-se a via teórica, este estudo propicia uma discussão sobre uma temática relevante na Biblioteconomia lidando com um tipo de fonte de informação particularizado,

proporcionando uma prospecção de conteúdo que possui uma certa lacuna na literatura da área bibliotecária.

Na perspectiva prática, o estudo representa uma contribuição para a área, dando clareza sobre o uso de um tipo de fonte de informação distinto a âmbito profissional e pessoal, no qual será evidenciado se conhecem o termo, se acessam plataformas, se trabalham com estes recursos e se conhecem as licenças. Portanto, pretende-se descobrir qual a utilização dos recursos educacionais abertos na comunidade bibliotecária goiana?

## 1.2 OBJETIVOS

Abaixo se encontram os objetivos do trabalho.

### 1.2.1 Objetivo geral

Analisar a utilização dos recursos educacionais abertos na comunidade bibliotecária goiana.

### 1.2.2 Objetivos específicos

- a) Levantar a percepção dos pesquisados sobre os recursos educacionais abertos;
- b) Investigar a aplicação dos REA por profissionais no contexto biblioteconômico;
- c) Constatar o uso pessoal feito dos REA pelos pesquisados.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Este capítulo compõe-se de conceitos científicos trabalhados por outros autores, os quais servirão de sustentação para o andamento do estudo. Discutem-se as temáticas: fontes de informação, recursos educacionais abertos, tipos de licenças de uso e o profissional bibliotecário.

### 2.1 FONTES DE INFORMAÇÃO

Fontes de informação são recursos informacionais em formato físico e também digital que atendem as necessidades de um público. “As fontes de informações são registros utilizados ao longo da vida do ser humano, possibilitando ampliar a visão do mundo em que vive e sobre as coisas que estão a sua volta” (ARAÚJO; FACHIN, 2015, p. 84).

De acordo com Cativo (2015, não paginado), fontes de informação “são os meios utilizados para equacionar problemas informacionais estabelecidos pelo esforço de converter as necessidades em resultados práticos através das diversas formas de conhecimento”. Já Cunha e Cavalcanti (2008, p. 172) definem como **fonte de dados**, sendo os “objetos físicos que podem ser quantitativamente medidos ou qualitativamente descritos sob a forma de dados”.

Para Cunha (2001, p. 8) esse tipo de recurso “pode abranger manuscritos e publicações impressas, além de objetos, como amostras minerais, obras de arte ou peças museológicas”. Pereira (2006, p. 36), descreve o termo como “origem ou procedência de uma informação com vistas a explicar algo, ou a dar informação sobre uma coisa, fato ou alguém”. Contudo, percebe-se que o conceito de fontes de informação possui diversas abordagens, onde “muitos autores afirmam que pode ser reconhecido como fonte qualquer objeto ou pessoa que forneça informação” (COSMOS, 2011, p. 18).

As fontes de informação realizam um importante papel para a construção do conhecimento, no qual o ambiente mais favorável e comum para busca-las é a Web. Grupos de debates, formatos variados como vídeo, áudio, materiais textuais, são diferentes tipos de fontes, onde possibilitam além de fácil acesso, o seu rápido compartilhamento.

Cosmos (2011), Araújo e Fachin (2015), ressaltam o quanto as fontes de informação são importantes, porém, são úteis apenas se a pessoa, as organizações ou grupos de pesquisadores, compreenderem como usá-las, atingindo sua principal meta – atender a necessidade de quem a busca.

As fontes informacionais são recursos que existem desde a pré-história. Como exemplo tem-se o homem que deixou suas gravuras nas paredes de cavernas, tem-se a criação da escrita, a explosão informacional, o acesso à informação, entre outros. Enfim, em algum momento aquela gravura deixou de ser apenas um dado, passou a se tornar informação, conseqüentemente, um conhecimento, que nos possibilitou entender a “vida pré-histórica” daquela época. Se por um lado:

a Internet propiciou a quebra das barreiras de tempo e de espaço, proporcionando o acesso à informação a qualquer pessoa, e permitindo que qualquer indivíduo disponibilize informações na rede, por outro lado, esta “liberdade” permitida na rede, favorece o caos informacional, e nos faz refletir, dentre outras questões, sobre a qualidade das informações ali depositadas (SCHWITZER et. al, 2007, p. 38).

O caos informacional ocorre pelo crescimento imensurável de informações. Dentre alguns motivos tem-se a sua facilidade de acesso, formatos variados, alta velocidade, armazenamento, interoperabilidade, compartilhamento, etc. Esse processo é justificável pela busca por conhecimento e informação. Silva e Tomaél (2004, p. 5) ressaltam que “outra questão relevante que emerge no meio eletrônico é a dinâmica com que surgem novas fontes de informações organizadas a partir de estruturas multimídia, obviamente diferentes das fontes tradicionais”.

Independente do suporte é fundamental o cuidado na seleção e avaliação das fontes informacionais, atentando-se aos aspectos de autoria, confiabilidade e procedência, corpo editorial, origem da informação, data, entre outros. Almeida (2008, p. 28) ressalta que:

[...] a preocupação dos estudiosos em atestar a qualidade das fontes de informação disponíveis hoje na rede é unânime entre eles, e que embora haja critérios de avaliação diferentes em cada pesquisa, aspectos como autoridade, cobertura/abrangência, conteúdo, confiabilidade, atualização e usabilidade são itens convergentes nos respectivos estudos.

Tomaél (et. al, 2004) destacam alguns critérios para a avaliação de fontes de informação, como identificar o indivíduo – se o autor é conhecido na área, conhecer suas habilidades, procurar críticas do seu trabalho – vinculação institucional, responsabilidade, corpo editorial. Ou seja, “em resumo, é essencial determinar a responsabilidade intelectual da fonte, bem como identificar quem está disseminando tal informação ou quem a está disponibilizando, além da data em que a fonte foi publicada no site e atualizações” (*Ibid.*, p. 23). Portanto, é fundamental que ao pesquisar adote alguns critérios – mesmo que aleatórios – no momento da sua busca, resultando assim em informações mais seguras.

## 2.2 CLASSIFICAÇÃO DAS FONTES DE INFORMAÇÃO

Existem os mais diversos tipos de fontes de informação, como: enciclopédias, dicionários, base de dados, vídeo-aulas, seminários, congressos, palestras, artigos, revistas, aulas, livros, folhetos, CD'S, que vão desde materiais palpáveis até o conhecimento tácito. “As fontes eletrônicas de informação, na Internet, utilizam-se de múltiplas formas, redimensionando os conceitos até então aplicados” (SILVA; TOMAÉL, 2004, p. 9).

Além desta diversidade, tem-se a caracterização mais utilizada em Ciência da Informação como: primária, secundária e terciária. De acordo com Pinheiro (2006, p. 3) dentre os exemplos de fontes:

Primárias estão os artigos de periódicos, os canis de congressos e eventos científicos, relatórios de pesquisa, patentes, dissertações e teses etc. Fazem parte das publicações secundárias as bibliografias, os dicionários e enciclopédias os manuais, as publicações ou periódicos de indexação e resumos, artigos de revisão, catálogos, etc. [...] os documentos incluídos nessas categorias (fontes terciárias) variam muito, entre os quais bibliografias de bibliografias, diretórios, almanaques etc.

Silva e Tomaél (2004) também caracterizam em fontes primárias, secundárias e terciárias, tendo a seguinte exemplificação:

- a) fontes primárias – periódicos, livros, teses;
- b) fontes secundárias – dicionários, enciclopédias, almanaques;
- c) fontes terciárias – índices, abstracts, catálogos on-line, transpostos ou gerados a partir de fontes impressas.

Portanto, a fonte primária é aquela produzida com o primeiro nível de conhecimento. Realizando uma analogia, pode-se comparar com a matéria prima ou a matéria bruta, sendo uma fonte primordial para elaboração/construção de algo.

Em seguida tem-se as fontes secundárias, originadas com base no que foi produzido com a matéria prima. Sendo assim, as fontes secundárias se enquadram no segundo nível de conhecimento. Posteriormente, a fonte terciária seria o último nível do conhecimento, com fontes elaboradas a partir das fontes secundárias.

Para Choo (2006, p. 70), a classificação de fontes de informação ocorridas dentro do ambiente organizacional, caracteriza-se em fontes **internas** e **externas**. No qual, “são selecionadas e usadas intensivamente por grupos específicos de pessoas”, entre profissionais ou organizações definidas.

Araújo e Fachin (2015) classificam as fontes de informação, independente do suporte, como fontes de **lazer, conhecimento e aprendizado**:

- a) Lazer – seriam aquelas que possibilitam viajar pelo mundo da literatura, ficção, turismo e outras.
- b) Conhecimento – permitem desenvolver habilidades construtivas ao longo da vida de um indivíduo, e aprimorar os aspectos cognitivos de cada um.
- c) Aprendizagem – deixam ampliar o universo do conhecer humano e vivenciar o desconhecido, incluindo o aprendizado científico, popular, filosófico, religioso, um complementando o outro.

Os Recursos Educacionais Abertos (REA) são um exemplo de fonte, mesmo caracterizados como uma fonte diferenciada, uma vez que fogem um pouco destes “princípios”. Alguns exemplos que justificam essa fonte diferenciada, pode ser representada pelos: diferentes formatos; a dificuldade em estabelecer se é uma fonte primária, secundária, terciárias ou mista; o layout; a facilidade/dificuldade de uso como o compartilhamento, redistribuição; a interoperabilidade; entre outros.

Portanto, qualquer pessoa pode encontrar, criar, adaptar, usar e finalmente compartilhar, possibilitando que outra ou outras pessoas realizem o mesmo processo. Por fim, criando um mundo com várias **fontes de informação**, onde seu principal objetivo é proporcionar materiais abertos para a educação.

Para Araújo e Fachin (2015, p. 84), fontes de informação:

no campo científico são aquelas que nos permitem criar, recriar e ter acesso ao conhecimento sobre um assunto ou área de nosso interesse ou pesquisa. De modo que, as fontes de informações são referências sobre o que está registrado e disponível ao ser humano, possibilitando reinventar ou compreender melhor o seu objeto de estudo.

A classificação de fontes de informação é diversificada, porém, desafiadora pela dinamicidade de suportes, especialmente com o advento da web. Entretanto:

as novas fontes de informação que surgem absolutamente independentes da geratriz impressa **carecem ainda de denominação e de classificação**, se é que isso faz-se necessário. Algumas dessas fontes caracterizam-se por uma **mixagem de fontes** primárias, secundárias e terciárias; outras fogem completamente a qualquer **classificação prévia**, porque são resultados do dinamismo no design característicos da Internet (SILVA; TOMAÉL, 2004, p. 7, grifo nosso).

Portanto, a caracterização linear de fontes primárias, secundárias ou terciárias dentro do mundo REA impossibilita uma escolha com exatidão, devido a sua dinamicidade de suportes e materiais utilizados para sua criação, entrando em concordância com que Silva e

Tomaél (2004) expõem se é realmente necessário realizar essa classificação. Logo, os recursos educacionais abertos são considerados uma fonte de informação mista.

### 2.3 RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS: ORIGENS E ASPECTOS CONCEITUAIS

Com o advento das tecnologias da informação e comunicação (TIC's) a informação tornou-se algo imprescindível. Além dessa evolução é notório as facilidades criadas pelas TIC's, permitindo que a informação seja encontrada, acessada e compartilhada.

A tecnologia tem evoluído tão rapidamente que a grande maioria das pessoas em algum momento, já esteve em contato com as tecnologias da informação. Para grande parte das profissões ela é imprescindível e está tornando-se uma ferramenta de trabalho cotidiano (SILVA; TOMAÉL, 2004, p. 1).

Partindo dessa premissa, imagina-se que todo material “gratuito na Internet significa que pode ser utilizado, desde que cite a fonte”, porém, esse pensamento é errôneo<sup>1</sup>. É necessário verificar se tais materiais são “abertos”, observando sua licença de uso e até que ponto podem ser alterados, editados ou apenas utilizados. Portanto:

[...] com o advento da Internet, o conhecimento e os materiais para promovê-lo estão à disposição a um clique somente na rede, sem que se dedique uma reflexão sobre a autoria dos mesmos ou sobre a permissão de uso e remixagem dos materiais ali colocados. Este fato reforça a preocupação em trazer à tona as questões dos direitos autorais e propriedades de permissão para os recursos disponibilizados. Os REA aparecem como uma alternativa para este impasse (HILU; TORRES; BEHRENS, 2015, p. 132).

Os REA surgem diante deste contexto tecnológico como uma alternativa valiosa para o contexto de autoria, pois por meio deles é possível averiguar as licenças de uso, expedidas pelo autor, partindo da premissa que a utilização daquele material ocorrerá de acordo com as limitações estipuladas pelo mesmo. Portanto, recurso educacional aberto é todo tipo de material informacional que possui alguma licença de uso, permitindo ao usuário efetuar o download, editar e disseminar tal conteúdo para outros, sem barreiras de acesso.

Os autores Amiel, Orey e West (2011, p. 114), preferem utilizar REA como termo “objeto de aprendizagem” por ser algo relativamente conhecido na área de Educação, definindo-o como “recurso reutilizável em diferentes contextos, para diferentes usuários”. Os autores destacam a facilidade de criação e reuso de recursos digitais, mas também alertam para a possibilidade destes conterem elementos culturais, “propositalmente ou não”, podendo

---

<sup>1</sup> Fonte: <[https://www.youtube.com/watch?v=MTrUZfTwy\\_c](https://www.youtube.com/watch?v=MTrUZfTwy_c)>.

diminuir o número de usuários, além de se tornarem meros consumidores, sem a capacidade de remodelar estes materiais para a sua cultura ou costumes.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) juntamente com a Commonwealth em um Fórum em 2002, utilizam pela primeira vez a expressão ‘Open Education Resources’ (OER), em português Recursos Educacionais Abertos, caracterizando-os como “materiais oferecidos livremente e abertamente para educadores, estudantes e autodidatas de usar e re-uso para o ensino, aprendizagem e pesquisa”.

No Brasil, a discussão acerca de REA se iniciou a partir dos anos 2000, “tendo figurado como tema adotado pela UNESCO como estratégico para a democratização da educação em todo o mundo” (HILU; TORRES; BEHRENS, 2015, p. 134). A Declaração de Paris sobre recursos educacionais abertos afirma que:

Recursos Educacionais Abertos (REA) foi cunhado no Fórum de 2002 da UNESCO sobre Softwares Didáticos Abertos e designa "os materiais de ensino, aprendizagem e investigação em quaisquer suportes, digitais ou outros, que se situem no domínio público ou que tenham sido divulgados sob licença aberta que permite acesso, uso, adaptação e redistribuição gratuitos por terceiros, mediante nenhuma restrição ou poucas restrições. O licenciamento aberto é construído no âmbito da estrutura existente dos direitos de propriedade intelectual, tais como se encontram definidos por convenções internacionais pertinentes, e respeita a autoria da obra”.

A figura 1 apresenta o logotipo global de REA representado em seis línguas distintas, como árabe, espanhol, português, chinês, francês e inglês. Este logo foi desenhado por Jonathas Mello, em parceria com a UNESCO, com o objetivo de criar uma identidade comum entre a comunidade global de praticantes, pesquisadores e projetos.

Figura 1 – Logotipo global de REA.



Fonte: Unesco, 2016.

Levando em conta os critérios para considerar-se um material REA, existe uma discussão sobre requisitos básicos, como a presença de licenças, interoperabilidade, interação, cooperação, flexibilidade, a fácil adaptação, softwares livres, plataformas com fácil manuseio, entre outras características. Portanto, Santos (2013, p. 45) discorre que:

Para que tais iniciativas se tornem REA – permitindo o reuso, a modificação e o compartilhamento – seriam necessários a alteração das licenças de uso e o início de práticas que incentivem a colaboração entre provedores de recursos educacionais (em geral, professores e instituições, mas também conteúdos criados por usuários) e usuários (estudantes formais ou informais). Além disso, plataformas que permitam mais interatividade entre usuários e provedores, com interfaces amigáveis e preferencialmente construídas pensando-se na interoperabilidade com outras plataformas, constituem o cenário ideal para que os REA sejam publicados, descarregados, utilizados, adaptados e redistribuídos com mais facilidade e eficácia.

Amiel, Orey e West (2011) também destacam dois fatores importantes para a utilização e criação de recursos educacionais abertos. Como o **requisito abertura**, onde as licenças devem ser flexíveis e o **requisito abertura no sentido técnico**, no qual o designer ou criador deve facilitar a adaptação de forma digital.

Logo, o principal requisito que faz a distinção de um mero material educacional para um recurso educacional aberto seria a presença de sua licença, Santos (2013, p. 21) também enfatiza “que quaisquer outros materiais educacionais disponíveis na Internet gratuitamente que não tenham uma licença aberta não são considerados REA”. Quanto a outro critério principal para o desenvolvimento de REA, tem-se a utilização dos seus “4R”: **reusar, revisar, remixar e redistribuir**.

Os professores e alunos podem usar revisar e adaptar o material disponível, compartilhar na rede a nova produção de conhecimento de docentes e estudantes e novamente disponibilizar para a aplicação dos quatro Rs. Assim, em uma sucessão infinita tem-se a constante produção de novos conhecimentos. Destaca-se aqui que o conhecimento sempre foi assim construído, sempre partindo de um conhecimento anterior, no qual se faz ancoragens, mas que muitas vezes não se consegue identificar (TORRES; BEHRENS; MATOS, 2015, p. 455).

Aplicando-se os “4R” a disseminação do conhecimento se torna uma roleta russa tornando-o um material rico em conhecimento. Dessa forma, Gimenes, Barroca e Feltrim ([2012], não paginado) também destacam a importância da utilização dos “4R”, inclusive utilizam alguns exemplos:

- a) **Reusar**: o direito de usar o conteúdo em sua forma original ou modificada (ex. fazer uma cópia);
- b) **Revisar**: o direito de adaptar, ajustar, modificar, ou alterar o próprio conteúdo (ex. traduzir o conteúdo para outra língua);
- c) **Remixar**: o direito de combinar o original ou o revisado com outro conteúdo para criar algo novo (ex. incorporar o conteúdo em um *mashup*);

- d) **Redistribuir:** o direito de compartilhar cópias do conteúdo original, das revisões ou mixagens com outros (ex. dar uma cópia do conteúdo para um amigo).

É importante lembrar que a utilização dos “4R” não é vedada somente a professores, mas também usuários, alunos, instituições, enfim, qualquer pessoa que contribua para a colaboração e enriquecimento de recursos educacionais abertos. Existem diversos materiais abertos, como mostra a seguinte figura:

Figura 2 – Alguns exemplos de REA.



Fonte: Gimenes, Barroco, Feltrim ([2012], não paginado).

A elaboração e utilização de recursos educacionais abertos não é complexa, pois pode ser feita por meio de computadores utilizados em casa. Sendo assim, a figura 3 apresenta também alguns exemplos de REA, como plataformas abertas e softwares livres.

Figura 3 – Plataformas abertas e softwares livres.



Fonte: elaborado com base em Educação Aberta (2011).

Os elementos ilustrados na figura acima foram montados com base em um documento produzido pela Educação Aberta. O documento é um caderno destinado a professores, baseado com experiências em escolas públicas e particulares. Este documento é um material REA, onde são listadas algumas ferramentas de busca e alguns exemplos que auxiliam na utilização de recursos educacionais abertos.

Mesmo o Google Docs sendo de uma empresa particular, ele permite salvar o arquivo em um formato aberto. Portanto, “o que vai tornar o seu material um recurso educacional aberto será a forma como você irá compartilhar. Além de definir a licença de uso apropriada, você deve prestar atenção ao formato do documento que está criando” (EDUCAÇÃO ABERTA, 2011, p. 11).

### 2.3.1 Educação aberta

Para tratar de recursos educacionais abertos é importante caracterizar a educação aberta. É notório o quanto a educação aberta tem evoluído com práticas centradas no aluno, documentos de aprendizagem produzidos no meio colaborativo – aluno e professor – acesso aberto a repositórios, software abertos, entre outros.

A educação aberta é o acesso livre a formas de aprendizagens flexíveis, visando a colaboração na construção de conhecimento. Gimenes, Barroca e Feltrim [2012] alegam que a

educação aberta é como um ecossistema, onde envolve vários protagonistas, abarcando desde aspectos pedagógicos até a infraestrutura tecnológica e de pessoal.

O termo **educação aberta** (EA) acaba sendo um constructo, pois suas definições e aplicabilidades dependem do ambiente onde estão inseridos. A EA não está, contudo, diretamente ligada somente aos recursos educacionais abertos. De acordo com Santos (2012, p. 72) a educação aberta está relacionada:

- a) a liberdade do estudante decidir onde estudar, podendo ser de sua casa, do seu trabalho ou até mesmo da própria instituição de ensino e/ou pólos de aprendizagem;
- b) a possibilidade de se estudar por módulos, acúmulo de créditos ou qualquer outra forma que permita ao estudante aprender de forma compatível com o ritmo necessário para seu estilo de vida;
- c) a utilização da autoinstrução, com reconhecimento formal ou informal da aprendizagem por meio de certificação opcional;
- d) a isenção de taxas de matrícula, mensalidades e outros custos que seriam considerados uma barreira ao acesso à educação formal;
- e) a isenção de vestibulares e da necessidade de apresentar qualificações prévias, que poderiam constituir uma barreira de acesso à educação formal;
- f) a acessibilidade dos cursos para alunos portadores de alguma deficiência física, bem como dos que têm alguma desvantagem social;
- g) a provisão de recursos educacionais abertos, utilizados tanto na educação formal quanto na informal.

Santos (2012) relata que a discussão acerca de EA existe desde o período Socrático, em que o currículo era dividido por disciplinas e os alunos agrupados por habilidades. Também eram acompanhados e monitorados por seus professores, que por sua vez também exercia os materiais instrucionais, considerados por alguns inovadores – por ser centrado ao aluno e não ao seu comportamento – consequentemente permitia o contato do estudante com formas numerosas de pensar e argumentar. O quadro a seguir, ilustra algumas nomenclaturas destinadas a educação aberta ao longo dos anos, no qual foi elaborado com base no texto “Educação aberta: histórico, práticas e o contexto dos recursos educacionais abertos”.

Quadro 1 – Concepções de Educação Aberta.

<b>Tradução para o português</b>	<b>Termo em Inglês</b>	<b>Data aproximada de emergência/popularização</b>
Educação aberta	Open education	Popularizou-se a partir da década de 1970.
Aprendizagem aberta	Open learning	Popularizou-se a partir da década de 1970.
Aprendizagem a distância ou Educação a Distância	Distance learning or Distance Education	Décadas de 1930 e 1940
Recursos Educacionais Abertos (REA)	Open Educational Resources (OER)	2002
Práticas Educacionais Abertas (PEA)	Open Educational Practices (OEP)	2010
Educação inclusiva	Inclusive Education	1990

Acesso Aberto	Open Access	2002
Licença aberta	Open license	1999
Código aberto	Open source	1998
Open Courseware	Open Courseware	2002
E-learning ou aprendizagem virtual	E-learning	Década de 1990
Aprendizagem móvel	Mobile learning (m-learning)	Primeira concepção na década de 1970. Enquanto termo e prática difundiu-se na década de 1990, popularizando-se a partir de 2000.
Curso Aberto Online em Massa	MOOC (Massive Open Online Course)	2008

Fonte: adaptada de Santos (2012, p. 78).

O quadro 1 mostra o quão rico foram as nomenclaturas utilizadas para representar a educação aberta, reforçando a complexidade de escolher um termo específico para representá-la. Portanto, educação aberta constitui desde liberdades concedidas pela instituição de ensino, à ferramentas educacionais ou à decisões tomadas pelo aluno para o seu melhor processo de aprendizagem individual ou coletivamente, presencial ou à distância. De acordo com Gimenes, Barroca e Feltrim ([2012], não paginado) a educação aberta requer:

o acesso livre e aberto aos recursos e as ferramentas educacionais, seja para aprender ou ensinar, e assim construir conhecimento de forma colaborativa no contexto de comunidades educacionais virtuais. Desse modo, ela oferece uma fonte de formação de recursos humanos alternativa e complementar que envolve vários componentes.

Logo, a EA é uma forma de evidenciar os novos modelos para a educação e principalmente disseminando conhecimento. Quanto mais contribuição houver, seja ela com novas tecnologias ou com ferramentas 2.0, melhor será a qualidade dessa nova forma colaborativa.

O termo Educação Aberta tem sido compreendido erroneamente como educação a distância (EAD). Porém, educação a distância se enquadra a uma das diversas modalidades da educação aberta, assim como os REA, no qual a “utilização de recursos educacionais abertos é mais uma maneira de se fazer educação aberta” (SANTOS, 2012, p. 71).

## 2.4 LICENÇAS DE USO

Como citado no corpo do trabalho, o que diferencia um material disponível de um recurso educacional aberto são suas licenças, portanto, é interessante caracterizá-las para melhor discernimento. Os direitos autorais, representados pela sigla em inglês Copyright (vide figura 4), configura que a cópia, edição, mixagem, publicação, comercialização ou quaisquer tipo de utilização de determinada obra, deve-se consultar a sua autoria. Sabe-se que:

há informações em abundância que podemos acessar na Internet, porém na maioria dos casos temos limitações quanto a como podemos utilizar esses materiais legalmente, ou seja, existem restrições. O desafio está em parte nas leis que regulamentam direitos do autor. Imagens, vídeos, sons e páginas que estão acessíveis na Internet são na maioria das vezes protegidas por direito autoral (EDUCAÇÃO ABERTA, 2011, p. 19).

Portanto, a utilização de materiais **disponíveis** na Internet sem a permissão do autor é caracterizado como uma atividade ilegal. Sendo assim, a utilização de materiais presentes na Internet deveria ser daqueles caracterizados como **abertos** e não de todos que estão disponíveis na rede.

A partir de 2001 foi criado o *Creative Commons*, uma organização sem fins lucrativos (vide figura 5), onde são oferecidos instrumentos jurídicos/licenças padronizadas para o auxílio no compartilhamento de materiais, a princípio, disponíveis na Internet (*Creative Commons*, 2016). Porém, seu primeiro conjunto de licença fora lançado em 2002, proporcionando maior flexibilidade para o autor escolher como pretende disponibilizar sua obra.

Vale ressaltar que uma obra que receba licença aberta, não significa que o autor perca sua autoria. Pelo contrário, a única exigência a ser seguida é utilizar a obra de acordo com a licença estabelecida pelo autor, como por exemplo, autorização para mixar, comercializar, apenas realizar o download, editar e comercializar, entre outras. De acordo com a Educação Aberta (2011, p. 24):

A ideia por trás do Creative Commons é permitir que o autor entenda quais os seus direitos. É uma ferramenta que o ajuda a compartilhar suas obras e para que o usuário do recurso entenda quais direitos está recebendo e de quais os usos que pode fazer de um recurso, sem jargões jurídicos complicados. Independente de qual licença você escolha, ela deve estar indicada claramente em algum lugar do material que você compartilhar.

Figura 4 – Todos os direitos reservados



Fonte: Educação Aberta (2011).

Figura 5 – Alguns direitos reservados



Fonte: Creative Commons (2016).

Sendo assim, a utilização dos *Creative Commons* representado pela sigla “CC”, remove toda a burocracia exigida por lei para se manter os direitos reservados. Afinal, o próprio autor de maneira antecipada expõe a licença que melhor atende as suas necessidades,

podendo aderir a adaptação e remixagem do material com distribuição comercial ou não comercial, permitir o download, permitir o download sem permissão de alteração do material, entre tantos outros. O quadro a seguir mostra as licenças adotadas pela CC:

Quadro 2 – Licenças para permissão de uso.

	<p>Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. É a licença mais flexível de todas as licenças disponíveis. É recomendada para maximizar a disseminação e uso dos materiais licenciados.</p>
	<p>Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos. Esta licença costuma ser comparada com as licenças de software livre e de código aberto "copyleft". Todos os trabalhos novos baseados no seu terão a mesma licença, portanto quaisquer trabalhos derivados também permitirão o uso comercial. Esta é a licença usada pela Wikipédia e é recomendada para materiais que seriam beneficiados com a incorporação de conteúdos da Wikipédia e de outros projetos com licenciamento semelhante.</p>
	<p>Esta licença permite a redistribuição, comercial e não comercial, desde que o trabalho seja distribuído inalterado no seu todo, com crédito atribuído a você.</p>
	<p>Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.</p>
	<p>Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam a você o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.</p>
	<p>Esta é a mais restritiva das seis licenças principais, só permitindo que outros façam download dos seus trabalhos e os compartilhem desde que atribuam crédito a você, mas sem que possam alterá-los de nenhuma forma ou utilizá-los para fins comerciais.</p>

Fonte: Creative Commons (2016).

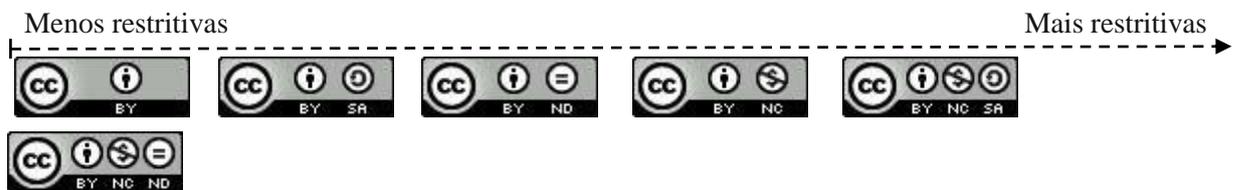
Até então, a CC disponibiliza seis licenças de uso, descritas no quadro acima. Muitas plataformas também estão adotando a utilização de licenças, como alguns sites de periódicos, em que no momento da submissão de trabalhos, a revista pede para que o autor escolha qual a permissão de uso que pretende adotar, sendo inserido no corpo do trabalho ou até mesmo na plataforma.

A CC afirma que estas licenças foram criadas em três camadas. De acordo com Gimenes, Barroca e Feltrim ([2012], não paginado) a primeira camada é responsável pela

função de ferramenta jurídica; a segunda camada com resumos em ícones gráficos, possibilita uma melhor visualização para leigos; e a terceira camada que possibilita uma interpretação automática, em que o seu código digital permite que mecanismos de busca realizem a leitura daquela determinada licença.

Logo, pensar em licenças abertas é fundamental para alcançar o conceito de REA, possibilitando sua criação, edição, adaptação, redistribuição e compartilhamento, potencializando a inovação e qualidade na produção do conhecimento. Por conseguinte, a figura 6 sintetiza quais são os níveis de restrições para melhor entendimento, partindo da direita (menor nível de restrição) para esquerda (maior nível de restrição).

Figura 6 – Nível de restrição



**Fonte:** Educação Aberta (2011, p. 23)

À medida em que as licenças contribuem para a criação e inovação de materiais, disponibilizando-os livremente, também é importante ressaltar a possibilidade do aprimoramento de materiais existentes. Ademais, diminuindo a quantidade de trabalhos repetitivos, tornando-os rico em conhecimento, por conseguinte, contribuindo para o ciclo da informação/REA.

## 2.5 O PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO

Silva e Araújo (2003) discorre sobre alguns fatores da profissão e da função do bibliotecário. Entre esses fatores, tem-se a profissão de bibliotecário que foi regulamentada desde 1962 com a Lei nº 9.674 em 25 de julho de 1998 pertencente ao grupo 19 do quadro das profissões. A profissão também possui um Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB) e outros Conselhos Regionais (CRBs), além da criação de associações para auxiliar na atuação do profissional. Os autores também destacam a função do bibliotecário como:

O profissional da informação que cuida de toda a logística que envolve o planejamento, a organização e a implantação de bibliotecas, centros de documentação e informação, sistemas de informação e acervos multimídias, e ainda

da análise e processamento técnico de documentos variados (SILVA; ARAÚJO, 2003, p. 119).

O profissional da informação especificamente o bibliotecário se preocupa em organizar a informação em diversos suportes. Para Mota e Oliveira (2005, p. 99) este tipo de profissional passou a se deparar com um novo contexto, caracterizado por ele como a “era da informação”, em que exige destes “não só um corpo de conhecimentos especializados, mas também conhecimentos e habilidades no uso de tecnologias para organizar, processar, recuperar e disseminar informações, independentemente do suporte no qual elas estejam registradas”.

De acordo com Rodrigues e Crespo (2006, p. 13), “este profissional deve estar capacitado a atuar com fontes de informação de qualquer tipo, em qualquer suporte, selecionando-as e adequando-as de acordo com as necessidades do seu usuário”. Uma vez que a evolução da sociedade causa um processo contínuo de mudança, sendo necessário uma constante reflexão sobre as habilidades do bibliotecário, inclusive o seu aperfeiçoamento, especialização e capacitação. Silva e Tomaél (2004, p. 4) ressaltam que “a quebra de rigidez provêm novos recursos informacionais que crescem vertiginosamente acarretando mudanças radicais nos serviços de informação tradicionais”.

Notadamente o bibliotecário pode exercer várias funções em suas atividades diárias, como classificação, catalogação, indexação, aquisição, descarte, permuta, tratamento em base de dados, pesquisas na área da indústria, jurídica e saúde; análise de informações, centros de pesquisa, tratamento de arquivos, entre outros. No qual, “a informática assume o papel de uma ferramenta importante para agilizar a aquisição, o processamento, a divulgação e a recuperação da informação” (RUSSO, 2010, p. 73). Contudo, este profissional não deve temer aos avanços tecnológicos com receio de perder seu local de trabalho, mas utilizá-los para potencializar as suas atividades para a disseminação da informação.

Logo, o profissional deve sempre estar atento às mudanças tecnológicas que influenciam e facilitam o seu objeto de trabalho – a informação – para melhor atender seus usuários potenciais, mesmo diante de uma fonte de informação diferenciada, os REA.

## 2.6 REA COMO FONTES DE INFORMAÇÃO

Diante do cenário informacional os REA estão se tornando uma importante fonte de informação. Araújo e Dias (2005, p. 113) caracterizam o presente momento como “sociedade da informação” definindo como “a etapa do desenvolvimento da sociedade que se

caracteriza pela abundância de informação organizada”. Por meio dessas considerações (*Loc. cit.*), percebe-se que as atividades industriais, como por exemplo a mão-de-obra, passa a ser trocada por atividades no tratamento da informação, onde o valor agregado do conhecimento passa a ser mais importante, transformando a matéria-prima industrial. Ou seja, a sociedade passa a enxergar, entender e consumir informações que atendam às suas necessidades pessoais ou coletivas.

A busca por fontes de informações sempre ocorrerá independentemente da área em que se caracterizam, o formato ou regionalidade, pois para a produção do conhecimento é necessário que meros dados virem informação, viabilizando o conhecimento. Porém, é fundamental que haja nesse processo, mesmo que nas entrelinhas, excelentes fontes de informação e principalmente, confiáveis. Portanto, “pode-se afirmar que o bibliotecário é o responsável por auxiliar o usuário na seleção de fontes de informação que melhor atendam suas necessidades” (ARAÚJO; FACHIN, 2015, p. 93).

Diante desse cenário, o profissional da informação deve estar atento aos diversos tipos de recursos educacionais existentes, pois assim, terá como incentivar, recuperar, compartilhar e selecionar o material que melhor atenda às necessidades do seu usuário. Afinal, a “iniciativa de REA já é mundialmente difundida e existem repositórios amplamente conhecidos” (GIMENES; BARROCA; FELTRIM, [2012], não paginado).

No entanto, mesmo com repositórios amplamente conhecidos a discussão acerca dos REA, especificamente caracterizados como fontes de informação, ainda permanecem restritos/desconhecidos por uma parte da população. Embora esse recurso receba conceitos por alguns autores citados aqui como **objeto de aprendizagem**, **objetos educacionais** ou **recursos educacionais**, os REA são fontes de informação livres, tendo como “objetivo adicional de disponibilizar recursos gratuitamente para uso público de modo a melhorar o ensino e a aprendizagem” (SANTOS, 2013, p. 69). Para Silva (2014, p. 28):

o acesso às fontes de informação, principalmente as educacionais não está ao alcance de todos, barreiras de ordem econômica, geográfica e as restrições legais (direitos legais reservados) impedem o acesso às fontes de informação. Nesta perspectiva os Recursos Educacionais Abertos surgem para ampliar o acesso ao conhecimento.

Portanto, o bibliotecário deve estar preparado para lidar com esta “era da informação”, com este emaranhado de informações disparados a cada segundo, empregando suas devidas atribuições de maneira eficiente, como a recuperação das mesmas e também a disponibilização ou instrução no acesso de novas fontes. Logo, é imprescindível que o

profissional saiba da potencialidade de recursos educacionais abertos enquanto fonte de informação.

### 3 METODOLOGIA

Para Tomanik (2004) a pessoa “comum” ou a pessoa-cientista que tem conhecimento dos diferentes métodos de pesquisa, propicia uma melhor descrição, desenvolvendo afirmações com maior grau de fundamentação e fidelidade. Por isso, a necessidade de conhecer os procedimentos e diferentes tipos de pesquisa, proporcionando a aplicação de instrumentos, técnicas e métodos adequados ao longo da pesquisa. Pádua (2009) afirma que na verdade o método é uma questão instrumental, referente à prática do pesquisar, como um conjunto de técnicas que nos auxiliam e possibilitam elaborar um conhecimento sobre a realidade.

De acordo com Severino (2007) o método científico é o principal método adotado pela ciência, o qual possibilita diferenciá-la do senso comum e das demais modalidades de expressão da subjetividade humana. “Trata-se de um conjunto de procedimentos lógicos e de técnicas operacionais que permitem o acesso às relações causais constantes entre os fenômenos” (*Ibid.*, p. 102).

Este capítulo aborda os procedimentos metodológicos adotados neste estudo: delimitação do campo, universo e amostra, classificação da pesquisa, instrumentos e técnicas de coletas de dados, pré-teste, etapas da pesquisa, procedimentos de análise de dados e desenho da pesquisa.

#### 3.1 DELIMITAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

O presente estudo tratou de duas instâncias: o público acadêmico (alunos e professores) e profissional (bibliotecários). As informações do primeiro público foram extraídas por meio do contato com a Coordenação do curso de Biblioteconomia, por conseguinte estabelecendo o quantitativo para universo e amostra do grupo em questão.

No que diz respeito ao núcleo formador, a Universidade Federal de Goiás (UFG) é o único local no Estado de Goiás a ofertar o curso de Biblioteconomia presencial. O curso na UFG oferece 50 vagas para cada início de turma, sendo predominantemente matutino com a oferta de novas turmas anualmente. Vale lembrar que o título de bibliotecário é privativo

apenas à bacharéis em Biblioteconomia, com cursos em escolas superiores, públicas ou privadas, com duração de quatro anos.

Em se tratando dos docentes, o curso de Biblioteconomia da UFG conta com membros de áreas interdisciplinares, no entanto, a área de especialização em Ciência da Informação prevalece com maior público. Quanto a outros campos tem-se Geografia, Comunicação, Informação e Documentação, Tecnologia da Informação, Educação, Administração, etc.

Quanto ao terceiro público, abarcado por bibliotecários, suas informações para o parâmetro do universo e amostra foram obtidas junto ao Conselho Regional em Biblioteconomia da 1ª Região (CRB-1). De acordo com o órgão, composto por Goiás, Mato Grosso do Sul, Distrito Federal e Mato Grosso tem-se 1.623 bibliotecários ativos. O Estado de Goiás possui 431 profissionais, onde somente 324 profissionais estão ativos, o restante se encontra afastado, falecido, suspenso ou cancelado. Esta estimativa foi realizada com profissionais registrados no CRB-1 até julho de 2015 (ALVIM, 2015).

### 3.2 UNIVERSO E AMOSTRA

Segundo Tomanik (2004) universo é a descrição da população total ou campo que se deseja investigar. Portanto, o universo da pesquisa corresponde ao **total** da população, do grupo, da comunidade, do público estudado em questão.

Ainda conforme o autor, amostra corresponde a dados coletados em uma parte do grupo a ser estudado, posteriormente, estabelecendo critérios para a realização deste recorte (*Loc. cit.*). Sendo assim, a amostra refere-se a um recorte/pequena porção da população, do grupo, da comunidade, do público estudado em questão.

O foco deste trabalho foi analisar a utilização dos REA pela comunidade bibliotecária goiana, visando atingir um cenário composto por todas as instâncias que atuam na área. Delimitou-se amostras de três universos:

- a) alunos do curso de Biblioteconomia da UFG;
- b) docentes do curso de Biblioteconomia da UFG;
- c) bibliotecários formados.

Diante desse cenário, o universo e a amostra do presente estudo estão representados na tabela abaixo:

Tabela 1 – Descrição da população da pesquisa.

	<b>Universo</b>	<b>Amostra</b>
<b>Discentes</b>	25	10
<b>Docentes</b>	10	05
<b>Bibliotecários</b>	324	35
<b>TOTAL: 50</b>		

**Fonte:** elaborada pela autora (2016).

Com relação aos alunos, foi escolhida a turma do 8º período, por se tratar de uma turma avançada em relação à conclusão do curso, optando-se por alunos que realizam a prática do estágio, o que viabilizaria a consulta acerca das práticas e uso de REA nos locais de atuação destes. Totalizou-se um total de 25 alunos matriculados na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, no qual trabalhou-se com a amostra de 10 pessoas, escolhidas pela metodologia em quotas. De acordo com Silva e Menezes (2001), esse tipo de metodologia – quotas – apresenta diversos elementos da população/universo na mesma proporção.

Em se tratando dos docentes ativos, o curso de Biblioteconomia possui um total de 10 pessoas, no qual foi aplicado o instrumento para 05 sujeitos. Na seleção, optou-se por professores efetivos do curso, com graduação em Biblioteconomia e em atuação, ou seja, que não se encontram licenciados. Esse tipo de amostra, de acordo com Tomanik (2004), retrata o tipo intencional.

Em se tratando dos profissionais formados, foram constatados um total de 324 bibliotecários ativos em Goiás. A metodologia utilizada na seleção da amostra foi por meio de cotas, em que aplicando a técnica de 10% do universo, chegou-se no total de 32 bibliotecários, arredondando-se para 35. O estudo foi aplicado exclusivamente aos profissionais de **Goiânia**.

Dessa forma, totalizou-se um total de 50 pessoas nas três amostras. Em duas delas – discentes e docentes – foi possível obter retorno sobre todos os questionários. Já com relação aos bibliotecários, não se obteve o mesmo êxito.

### 3.3 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa é classificada em exploratória e descritiva. De acordo com Gil (2002, p. 40) a pesquisa exploratória apresenta um “aprimoramento de ideias ou descoberta de intuições”, se tratando de uma pesquisa consideravelmente flexível. Severino (2007, p. 123) afirma que este tipo de pesquisa “busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando condições de manifestação desse objeto”.

O tipo de pesquisa descritiva tem como intuito analisar características de um grupo. Sendo assim:

tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática (GIL, 2002, p. 42).

O mesmo autor afirma que as pesquisas exploratórias e descritivas são as mais utilizadas por pesquisadores sociais preocupados com atuação e prática, além de serem mais solicitadas em instituições educacionais (*Loc. cit.*). Portanto, essa pesquisa se enquadra nesse rol por explorar e apresentar ideias sobre o tema e por estudar um grupo em questão.

A abordagem fora quantitativa, com a intenção de atestar maior precisão dos dados analisados. Silva e Menezes (2011, p. 20) consideram “que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las”.

### 3.4 INSTRUMENTOS E TÉCNICAS DE COLETAS DE DADOS

A técnica mais adequada para a pesquisa depende de quais dados se pretende alcançar. Para a coleta dos dados:

você pode observar pessoas, interroga-las analisar ou comparar textos e documentos, controlar ou modificar comportamentos etc. **Cada uma destas formas de agir representa uma ou mais técnicas diferentes.** Como exemplos, há várias formas de se observar pessoas e, para interroga-las, você pode se utilizar de entrevista, questionários, formulários, escalas, listas de adjetivos, etc (TOMANIK, 2004, p. 162).

O ponto chave da questão é deixar claro para o leitor a técnica e suas características a serem utilizadas. Marconi e Lakatos (2010) também afirmam que as **técnicas** são como um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência, enfatizando que são habilidades na obtenção de seus propósitos.

Já os **instrumentos** de pesquisa são os materiais específicos que vão ser aplicados à determinada técnica, de forma padronizada, podendo ser um roteiro, formulário, entre outros. Tomanik (2004, p. 163) ainda afirma que “os instrumentos devem visar à obtenção das informações necessárias à pesquisa, e devem se limitar a isto”, contudo, serem objetivos.

O presente estudo adotou o questionário com perguntas fechadas (vide apêndice A). As vantagens e desvantagens de se aplicar esta técnica, vão da economia de tempo à resposta tardia do questionário, por isso a necessidade de possuir perguntas bem estruturadas e uma coesão na sua estrutura, posteriormente evitando qualquer tipo de problema. De acordo com Marconi e Lakatos (2010, p. 184):

questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador; depois de preenchido, o pesquisador devolve-o do mesmo modo.

Severino (2007) ressalta o questionário como um conjunto de questões, sistematicamente articuladas, destinadas a levantar informações escritas, pretendendo conhecer a opinião dos sujeitos pesquisados. Portanto, o instrumento adotado foi um formulário online composto no Google Formulário.

A técnica de pesquisa (questionário) foi aplicada aproximadamente durante o período de um mês, tendo em vista o período necessário para o preenchimento do instrumento por cada público. Quanto ao corpo do questionário, foi adotado um único modelo para os três públicos (vide apêndice 1).

### **3.4.1 Pré-teste**

Após a formulação do questionário em alguns casos é necessário a realização do pré-teste. Para Tomanik (2004, p. 162) “o pré-teste consiste na aplicação do instrumento num grupo de características semelhantes às do universo, mas que não faça parte da amostra, e serve para duas coisas: checar o valor do instrumento e familiarizar o aplicador com seu uso”.

Em alguns procedimentos (técnicas de coleta) fica explícita a presença de ambiguidade, linguagem inacessível, questões complexas ou supérfluas, por isso a necessidade de aplicar o pré-teste, extinguindo resultados inexatos. “Uma vez constatadas as falhas, reformula-se o instrumento, conservando, modificando, ampliando, desdobrando ou alterando itens; explicitando melhor algumas questões ou modificando a redação de outras [...]” (MARCONI; LAKATOS 2004, p. 210).

O pré-teste foi aplicado a uma pessoa de cada universo, sendo eles docentes e discentes do curso de Biblioteconomia da UFG e bibliotecários atuantes em Goiânia. A sua aplicação ocorreu nos intervalos de 31/08 a 05/09, no qual foi possível realizar correções como modificações de redação e desdobramentos de questões. Vale lembrar, que este grupo ficou descartado da amostra principal utilizada na coleta definitiva da pesquisa.

### 3.5 ETAPAS DA PESQUISA

O primeiro estágio da pesquisa foi a realização de uma pesquisa bibliográfica para contextualizar os recursos educacionais abertos e fontes de informação. Essa etapa contou com a prospecção em livros, artigos, revistas da área, etc.

Em um segundo momento estabeleceu-se contato no dia 14/06 com a Coordenação de Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás para o levantamento dos **docentes** ativos no curso. O contato também ocorreu com o intuito de obter do número de **graduandos**, obtendo assim, dois universos da pesquisa.

Para delimitar os **profissionais**, partiu-se em uma terceira etapa para a obtenção de informações sobre os mesmos. Foram utilizados dados estatísticos fornecidos pelo Conselho Regional de Biblioteconomia (CRB) no ano de 2015. Concluindo-se assim o último público das três populações.

A ocasião seguinte foi de estruturação do instrumento de coleta. Após a elaboração do questionário, foram aplicados os pré-testes aos três grupos.

Após a aplicação do pré-teste, no qual, foram feitas as devidas correções, o questionário foi estruturado no “Google Formulários”. Portanto, o seu envio ocorreu:

- a) entre 10/09-16/09 – para discentes;
- b) entre 12/09-30/09 – para docentes;
- c) entre 14/09-05/10 – para profissionais bibliotecários.

### 3.6 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

A análise e interpretação dos dados foi realizada a partir da coleta das respostas e tabulação de gráficos com o *Google Forms*. Por conseguinte, com o auxílio de uma planilha online em Excel.

Em se tratando da análise e tabulação dos dados, estes foram estruturados em três grupos dentro do instrumento de pesquisa (*Google Forms*): o primeiro para discentes, o

segundo para docentes e o terceiro para profissionais. Essa ramificação foi pensada desta maneira pretendendo atingir a melhor forma de esmiuçar os dados coletados, por conseguinte realizando a análise de maneira mais eficaz, visto que o público estudado é relativamente numeroso.

### 3.7 DESENHO DA PESQUISA

O objetivo geral do estudo foi analisar a utilização dos recursos educacionais abertos na comunidade bibliotecária goiana. Para atingi-lo foram traçados três objetivos específicos, sendo primordiais para a condução e andamento da pesquisa.

Desse modo, pode-se apresentar o desenho da pesquisa, tendo como base a interligação entre objetivos específicos, procedimentos de coleta e procedimentos de análise, conforme o quadro abaixo:

Quadro 3 – Desenho da pesquisa.

<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b>	<b>PROCEDIMENTOS DE COLETA</b>	<b>PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE</b>
Levantar a percepção dos pesquisados sobre os recursos educacionais abertos.	Questionário	Sistematização de gráficos.
Investigar a aplicação dos REA por profissionais no contexto biblioteconômico.		Sistematização de gráficos.
Constatar o uso pessoal feito dos REA pelos pesquisados.		Sistematização de gráficos.

Fonte: elaborado pela autora (2016).

## 4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

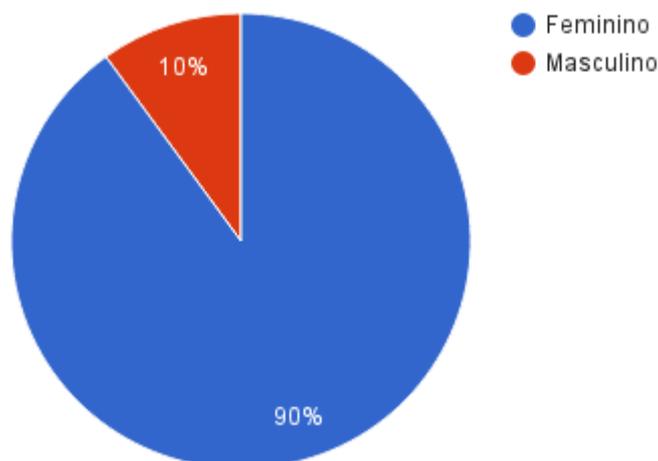
O capítulo apresenta os dados coletados nos três universos, categorizados como **público A** – alunos, **público B** – professores e **público C** – profissionais bibliotecários. Para o público A, foram enviados um total de dez questionários obtendo-se 100% de seu retorno. Para o público B, a quantidade de questionários atingiu um total de cinco pessoas, onde também obteve-se 100% das respostas. Já o público C, categorizado por profissionais bibliotecários atuantes em diversas áreas, como TV's, bibliotecas públicas, privadas, escolares, especializadas, entre outras, obteve-se um retorno de apenas 20 de um total de 35 que compunham a amostra estabelecida, o que corresponde a 57,14% do universo.

### 4.1 DADOS OBTIDOS COM OS ALUNOS

O primeiro e o segundo bloco do questionário buscaram caracterizar os participantes do estudo. Foram estabelecidas questões sobre sexo, faixa etária, formação acadêmica, cargo exercido e a quanto tempo exercem o cargo.

Com base nos dados de caracterização levantados do público A, percebe-se que 90% das respostas foram emitidas por um público feminino, conforme o gráfico:

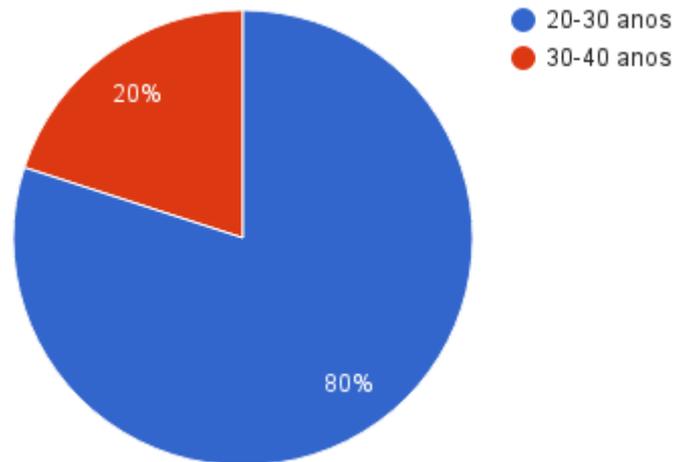
Gráfico 1 – Categorização do sexo.



Fonte: elaborado pela autora (2016).

Com relação à faixa etária do público pesquisado, tem-se:

Gráfico 2 – Faixa etária.

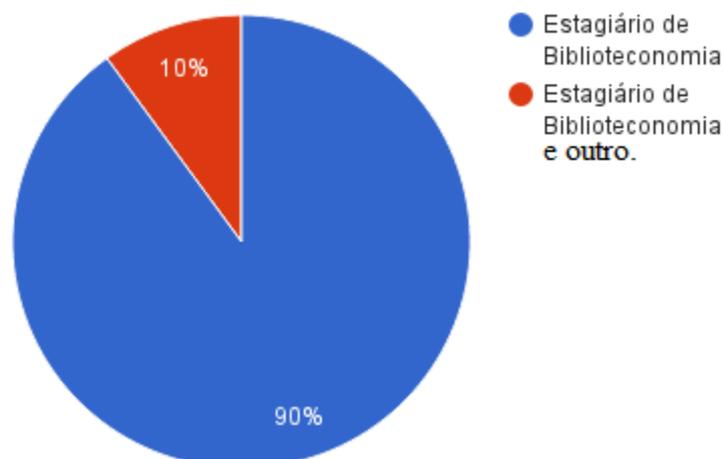


Fonte: elaborado pela autora (2016).

Como indicado acima, a faixa etária predominante foi de 20-30 anos, atingindo um total de 80% das respostas. Isso se deve ao fato de ter-se, neste caso um público predominante de concluintes da graduação. Consequentemente, o tipo de formação acadêmica corresponde à graduação em andamento no curso de Biblioteconomia para todo o conjunto de respondentes.

No segundo bloco e ainda sobre a caracterização dos respondentes, indagou-se acerca do cargo exercido pelos mesmos. Com relação ao cargo exercido atualmente, constatou-se que 90% exercem a prática de estágio e 10% praticam além do estágio em Biblioteconomia outro tipo de trabalho, conforme o gráfico:

Gráfico 3 – Cargo exercido.



Fonte: elaborado pela autora (2016).

Percebe-se também, pela questão que foi colocada na sequência, que 70% do público – o equivalente a 7 respondentes – pratica estágio em Biblioteconomia há mais de um ano (vide gráfico 4). Somente 30%, correspondente a 3 respondentes, realiza a prática a menos de um ano.

Gráfico 4 – Tempo que exerce o cargo.

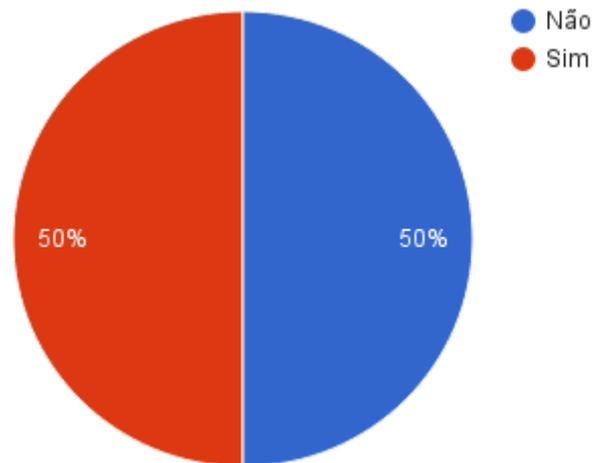


Fonte: elaborado pela autora (2016).

Observa-se, pelos dados de caracterização do público A, que toda a amostra realiza estágio na área, boa parte há um tempo considerável, apesar de serem jovens. Isso indica que possuem certa experiência nos campos de atuação da Biblioteconomia.

O bloco três do questionário, voltou-se ao nível de conhecimento sobre REA e à utilização deste. Ao serem questionados se já se depararam com o termo REA na Biblioteconomia, 50% dos alunos responderam que sim e outros 50% indicaram não ter visto, conforme gráfico a seguir:

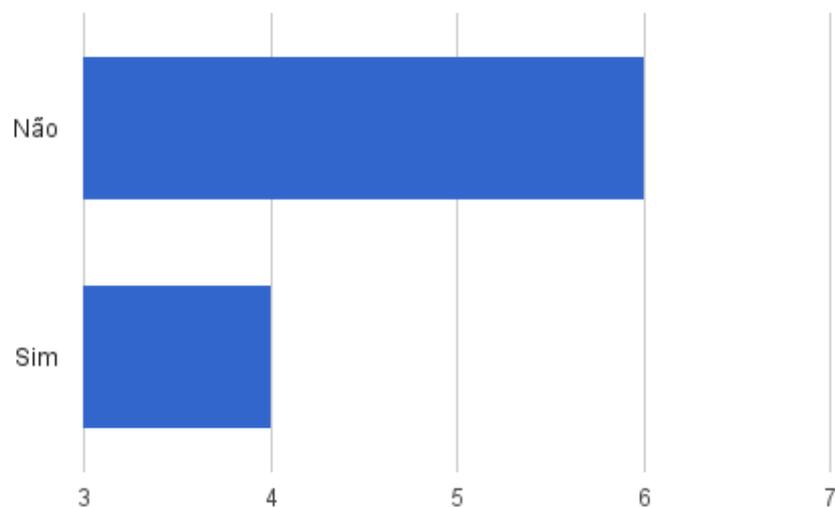
Gráfico 5 – Conhecimento sobre REA na Biblioteconomia.



Fonte: elaborado pela autora (2016).

Quanto ao conhecimento sobre esse tipo diferenciado de fonte de informação, que foi a pergunta de número dois desse bloco, o cenário das respostas é outro, conforme se observa no gráfico abaixo:

Gráfico 6 – Conhecimento sobre esse tipo diferenciado de fonte de informação.



Fonte: elaborado pela autora (2016).

Ao contrário da resposta anterior, portanto, em que metade dos respondentes afirmou ter se deparado com o termo REA na Biblioteconomia, 60% (6 respondentes) afirmou não ter conhecimento deste como uma fonte de informação diferenciada. Isso indica a

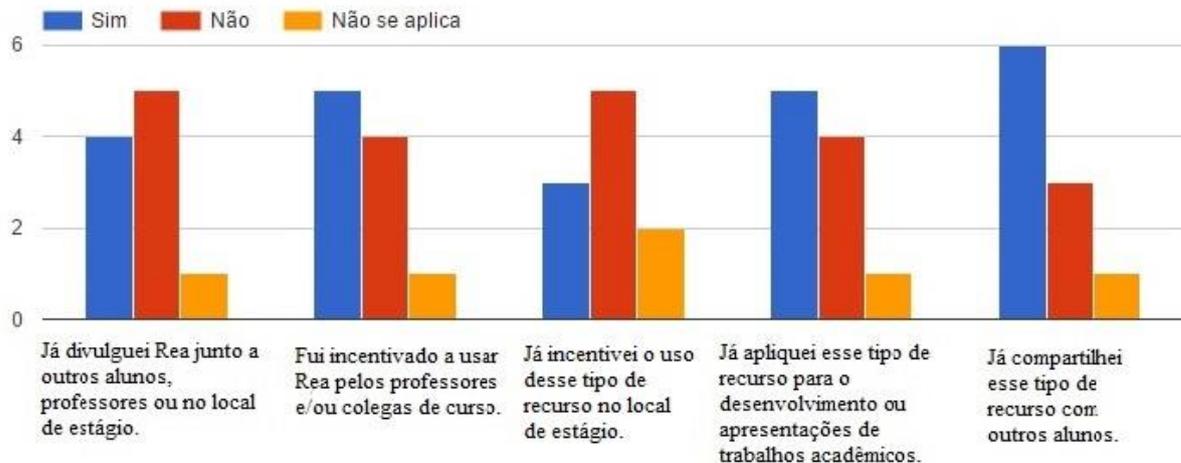
pequena percepção, por parte dos discentes da Biblioteconomia, de recursos abertos como sendo um tipo distinto de fonte informacional.

Apesar do cenário ora vivenciado, com a grande quantidade de fontes de informação presente na Web, com inúmeros formatos, dificultando assim a sua classificação e categorização, percebe-se certa dificuldade de relacionar esses novos formatos como uma fonte potencial de informação. Silva e Tomaél (2004) ressaltam que as fontes eletrônicas de informação encontradas na Internet, possuem múltiplos formatos, redimensionando os conceitos aplicados até então.

Ainda assim, é importante que futuros profissionais da informação tenham clareza sobre esses novos recursos e fontes. Mesmo porque, Rodrigues e Crespo (2006) enfatizam a necessidade deste profissional estar capacitado a atuar com fontes em qualquer formato e suporte, adequando-as de acordo com a precisão de seu usuário.

Indagados, na sequência, sobre o uso de recursos educacionais abertos, observa-se que:

Gráfico 7 – Utilização de REA pelos alunos.



Fonte: elaborado pela autora (2016).

Como demonstra o gráfico, os participantes foram indagados sobre as seguintes instâncias de uso:

- divulgação;
- ter sido incentivado a usar;
- ter incentivado o uso;
- ter aplicado;

e) ter compartilhado.

No que diz respeito à **divulgação** de recursos educacionais abertos, 40%, o equivalente a quatro respondentes, declararam ter divulgado esse recurso junto a outros alunos, professores ou no local de estágio. 50% (5 pessoas) respondeu que não e 10% que não se aplica a esta realidade.

No aspecto de incentivo ao uso de REA, 50% do público A diz ter **ido incentivado** a usar recursos educacionais abertos por professores e/ou colegas de curso. Já 40% afirmam que não foram/são incentivados a usar e 10% marcaram a opção não se aplica.

Também questionados se possuem a prática de **incentivar** o uso desse tipo de recurso, 50% responderam que não. Enquanto que 30% afirmam que sim e 20% que não se aplica.

Os dados apontam que 50% dos alunos **aplicam** esse tipo de recurso para o desenvolvimento ou apresentação de trabalhos acadêmicos. Já 40% não utilizam e 10% que não se aplica.

Em relação ao **compartilhamento**, 60% dos respondentes afirmam terem compartilhado esse tipo de recurso com outros alunos. Já 30% dizem não compartilhar e 10% não se aplica.

Em bases gerais, o uso de REA por discentes da Biblioteconomia é mais expressivo nos seguintes aspectos: “ter sido incentivado a usar por professores ou colegas de curso”; “aplicar no desenvolvimento ou apresentação de trabalhos acadêmicos”; e “compartilhar com outros alunos”. Em contrapartida, a margem dos que divulgam REA e incentivam o uso é pequena.

Isso evidencia que uma minoria realiza a prática de divulgar e incentivar o uso, tanto dentro da Universidade quanto em seus respectivos locais de estágio. Nota-se também que a percepção de REA enquanto fonte de informação é inferior aos demais públicos, logo, deduz-se que o baixo nível de incentivo ao uso justifica-se pela baixa percepção de REA.

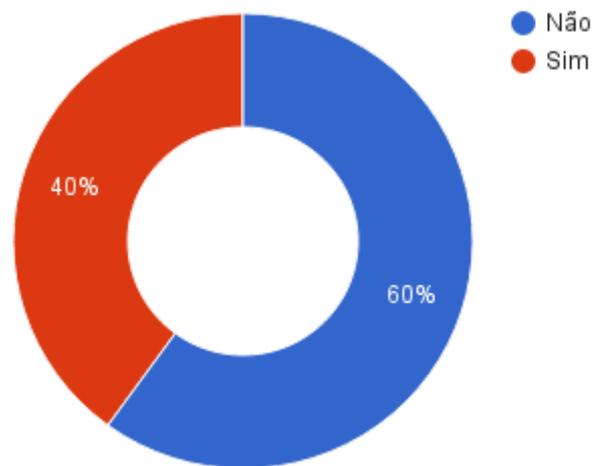
O quarto bloco do questionário refere-se ao processo de utilização da informação, tendo a primeira pergunta se voltado ao costume de utilizar plataformas abertas para a realização de pesquisas. Os dados apontam que 100% do público A utiliza plataformas abertas, como Youtube, Veduca, Wikipédia, entre outras.

Isso indica que o público A está alinhado as novas tecnologias e principalmente a ferramentas web 2.0. De acordo com Gimenes, Barroca e Feltrim ([2012], não paginado) “esses recursos ampliam as possibilidades de produção e compartilhamento de conhecimento,

bem como oferecem oportunidades de aprendizagem adaptadas e adequadas às necessidades individuais”.

A segunda pergunta do bloco foi destinada a indagar se os pesquisados ao utilizar qualquer recurso aberto na Internet, costumam observar qual é a licença de uso do material. Notou-se que 40% (quatro respondentes), afirmam observarem a licença do material e 60% não observam este requisito, segundo o gráfico:

Gráfico 8 – Permissão de uso.

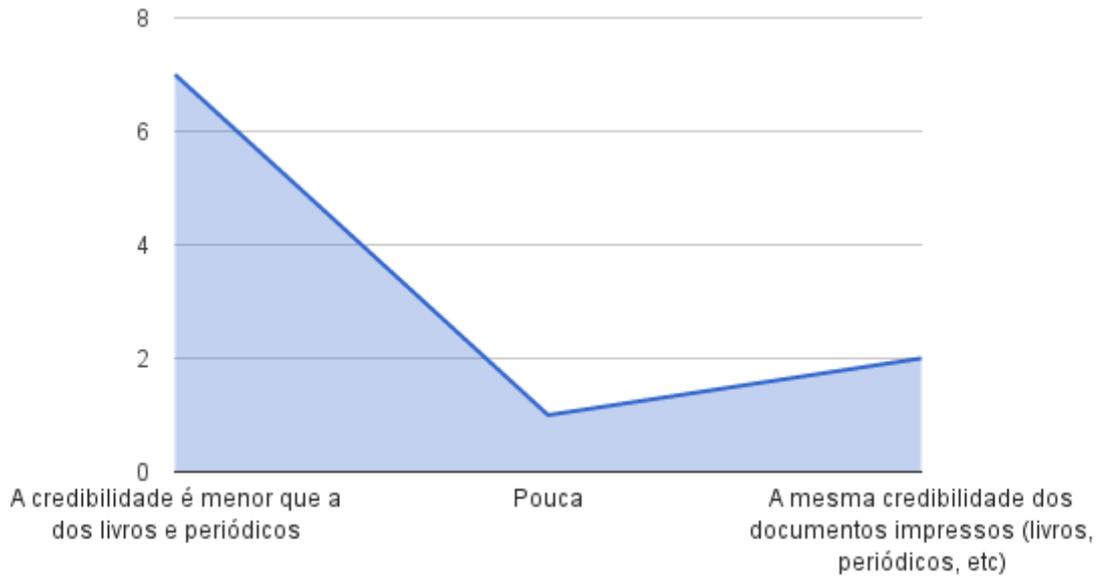


Fonte: elaborado pela autora (2016).

Portanto, nota-se que o cuidado em verificar as licenças de uso não ocorre. Dificultando assim, a identificação do tipo de material, pois de acordo com Santos (2013) quaisquer materiais disponíveis na Internet que não possuam licença aberta não são acatados como REA.

Questionados na terceira pergunta do bloco quatro sobre qual é o grau de credibilidade que atribuem às informações encontradas na Internet, sete respondentes (70%) afirmam que é menor que a de livros e periódicos (vide gráfico 9). Apenas dois respondentes (20%) consideram ter a mesma credibilidade dos documentos impressos e 10% dizem ter pouca credibilidade.

Gráfico 9 – Grau de credibilidade de informações encontradas na internet.

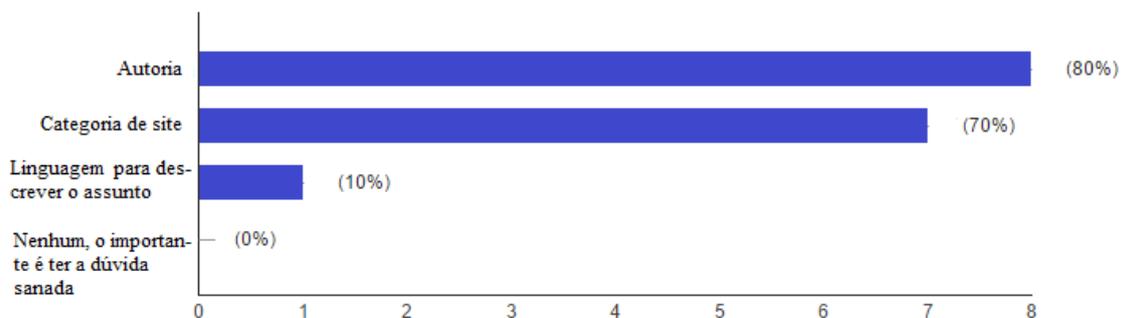


Fonte: elaborado pela autora (2016).

As respostas indicam que os alunos creditam maior valor a fontes tradicionais impressas, como livros e periódicos. Almeida (2008) ressalta que a preocupação em atestar a qualidade das fontes encontradas na rede é unânime entre os estudiosos. Portanto, apesar de serem jovens, com a maior parte do público com faixa etária entre 20 e 30 anos, acredita-se que estes também possuem a mesma preocupação.

Ainda se tratando da credibilidade e utilização de fontes de informação na Internet, a quarta pergunta do bloco tratou especificamente de quais critérios utilizam para considerá-la de qualidade e segura. Obteve-se o seguinte cenário:

Gráfico 10 – Critérios para a utilização de Fontes de Informação na internet.



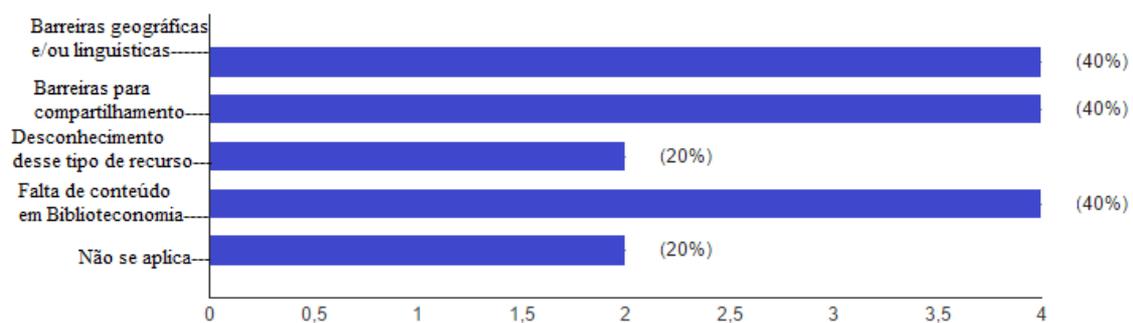
Fonte: elaborado pela autora (2016).

A pergunta permitiu marcar mais de uma opção. Observa-se que o critério mais utilizado pelos respondentes para considerar uma fonte da web segura e de qualidade é a autoria, que foi indicada por oito respondentes (80%). Em seguida, categoria de site aparece com sete respostas (70%). E por último, a linguagem utilizada para descrever o assunto surge com um respondente (10%). A porcentagem citada anteriormente se distribui entre cinco pessoas que optaram por critérios de “autoria e categoria de site”. Outros dois, optaram apenas pelo critério “categoria de site”. Um respondente optou por “autoria e linguagem utilizada para descrever o assunto”. Outros dois optaram apenas pelo critério, a “autoria”.

O profissional da informação sempre deve ter cautela na busca por fontes na web, havendo sempre alguns critérios básicos para essa busca, como autoria, categoria de site (sites institucionais, sites especializados). Portanto, percebe-se positivamente a mesma preocupação neste universo de graduandos, futuros profissionais. Tomaél (et. al, 2004) afirmam que as fontes encontradas na Internet devem ser manuseadas com cautela, uma vez que devem ser filtradas por critérios que analisem do conteúdo a apresentação da informação.

A última pergunta do bloco quatro questionou sobre quais são as barreiras ou dificuldades encontradas para acessar recursos educacionais abertos, como vídeoaulas, materiais didáticos, softwares livres, vídeos online, páginas de conteúdo aberto, entre outros. Obteve-se o seguinte resultado:

Gráfico 11 – Barreiras encontradas para o acesso de conteúdos REA.



Fonte: elaborado pela autora (2016).

Como indica o gráfico, as maiores dificuldades encontradas pelo público A são: barreiras geográficas e ou linguísticas; barreiras para compartilhamento ou permissão de uso; e falta de conteúdo especializado em Biblioteconomia, todas estas representadas em 40% das respostas. Somente 20%, ou seja, duas pessoas, alegam ter dificuldades quanto ao desconhecimento desse recurso. Outros 20% afirmam que não se aplica, demonstrando não

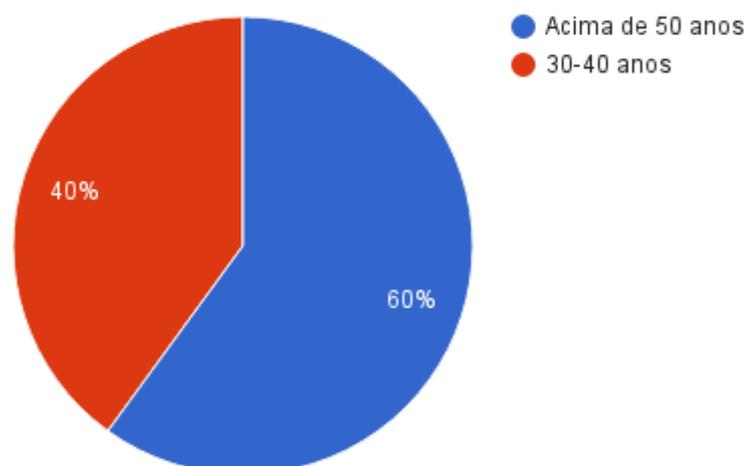
encontrar dificuldades. Vale ressaltar que esta pergunta permitia a escolha de mais de uma opção, resultando na distorção da porcentagem.

Amiel, Orey e West (2011) destacam alguns fatores importantes para a utilização e criação de recursos educacionais abertos. Entre eles destacam-se licenças flexíveis, designer ou layout que facilite as adaptações, formatos abertos, elementos culturais – barreiras geográficas, entre outros. Logo, o fato dos alunos indicarem ter dificuldades como falta de conteúdo especializado em Biblioteconomia, barreiras linguísticas ou compartilhamento e permissão de uso, demonstra que um dos motivos pode ser a falta de discernimento de recursos educacionais abertos enquanto fonte de informação, a dificuldade com materiais em outras línguas e a falta de análise da permissão de uso.

#### 4.2 DADOS OBTIDOS COM PROFESSORES

Os dados de caracterização do **público B – professores** – compreendidos no bloco um e dois, revelam o sexo, a faixa etária, a formação acadêmica, há quanto tempo concluiu a graduação, qual o cargo exercido atualmente e a quanto tempo exerce esta função. No qual, a amostra que participou do estudo é predominantemente feminina. Totaliza, portanto, cinco respondentes do sexo feminino. Em relação à faixa etária percebe-se o destaque para dois grupos:

Gráfico 12 – Faixa etária.

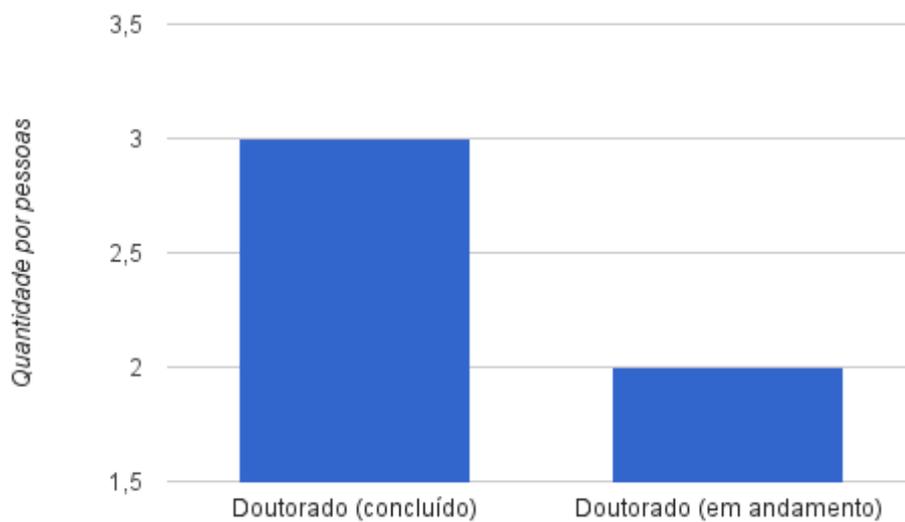


Fonte: elaborado pela autora (2016).

O primeiro grupo, correspondente a três pessoas (60%), tem idade acima de 50 anos. O segundo com um total de duas respostas (40%) encontra-se na faixa etária de 30 a 40 anos.

Em relação à formação acadêmica, que foi a primeira pergunta do bloco dois, percebe-se que todos os participantes estão com o doutorado em andamento ou concluído (vide gráfico 13). No qual, três respondentes (60%) já possuem o doutorado e outros dois (40%) estão cursando.

Gráfico 13 – Formação acadêmica.

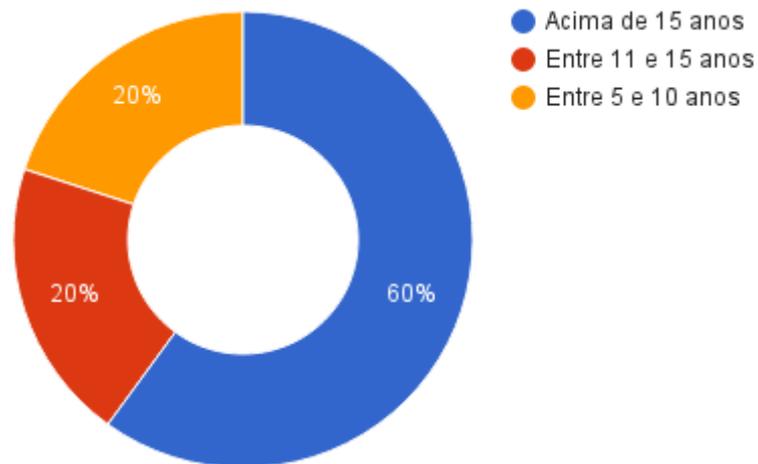


Fonte: elaborado pela autora (2016).

Quanto à área da última formação acadêmica, a amostra possui docentes com doutorado concluído na área de Ciência da Informação e Geografia. Com relação aos docentes com doutorado em andamento, têm-se áreas como Ciência da Informação e Educação. Nota-se a diversidade de formação acadêmica entre o público docente.

Os respondentes foram indagados na segunda pergunta do bloco dois, sobre o tempo de conclusão da graduação em Biblioteconomia. O gráfico abaixo apresenta os percentuais:

Gráfico 14 – Tempo que concluiu a graduação em Biblioteconomia.



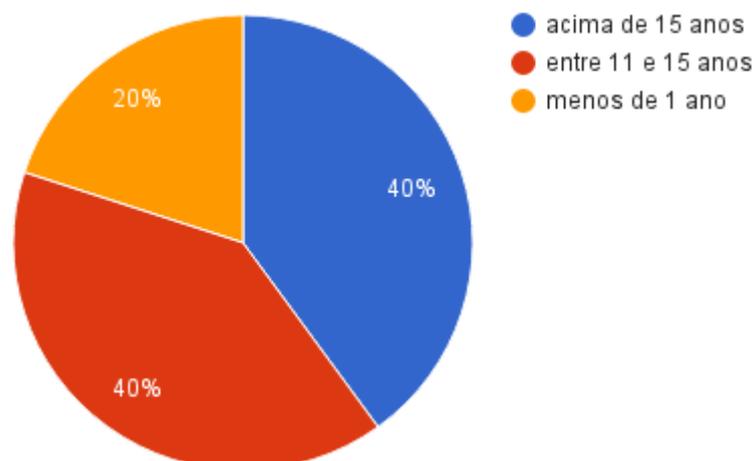
Fonte: elaborado pela autora (2016).

A maioria dos docentes – 60% – concluiu a graduação em Biblioteconomia há mais de 15 anos. Já 20%, que corresponde a uma pessoa, concluiu entre 11 e 15 anos. 20% (uma pessoa) concluiu a graduação entre 5 e 10 anos.

Os dados indicam que mesmo com uma graduação realizada há mais de 15 anos ou a menos de 10 anos, o público B não deixou de se especializar e ampliar sua formação, independente de qual área. Até mesmo porque atuar na área acadêmica exige que o profissional tenha no mínimo algumas especializações, exigidas pela academia, tornando-o apto a atuar dentro da sala de aula.

Questionados sobre qual função exercem atualmente 100% do público afirma que atua somente como docente, não exercendo o cargo de bibliotecário. Dando prosseguimento à pesquisa de cargo exercido, notou-se o seguinte:

Gráfico 15 - Tempo que exerce o cargo.

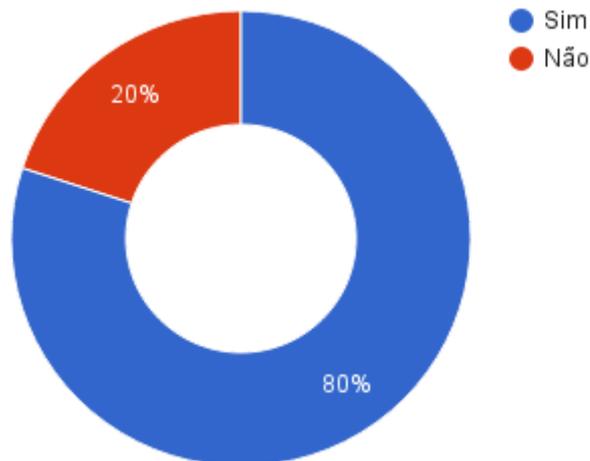


Fonte: elaborado pela autora (2016).

Conforme o gráfico 15, foi perguntado há quanto tempo exercem o cargo. 40% (duas pessoas) do público estudado atua como professor há mais de 15 anos e outros 40% entre 11 e 15 anos. Apenas um respondente (20%) atua como professor a menos de 1 ano. Nota-se a experiência do público e a vivência em sala de aula.

O bloco três, voltado à utilização de recursos educacionais abertos, teve como primeira pergunta se os pesquisados já se deparam com o termo dentro da Biblioteconomia. Os dados obtidos são retratados no gráfico abaixo:

Gráfico 16 - Conhecimento sobre REA na Biblioteconomia.

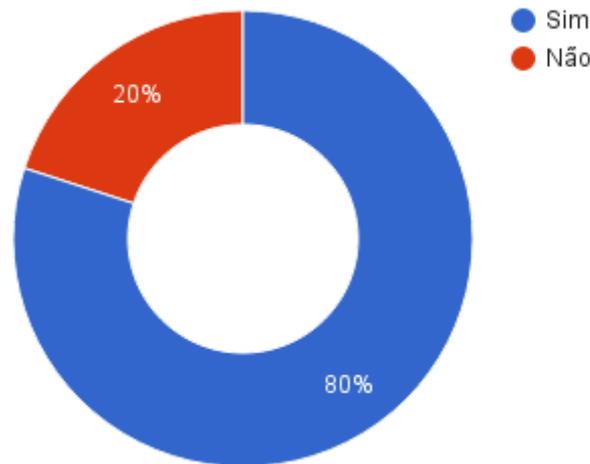


Fonte: elaborado pela autora (2016).

Quanto ao primeiro contato com termo dentro da Biblioteconomia, o gráfico 16 aponta que 80% do público B (quatro respondentes), já se deparou com o mesmo em algum momento na Biblioteconomia; e 20%, equivalente a um respondente, afirma não ter conhecimento. Pode-se depreender do grupo um bom nível de conhecimento acerca de REA.

Por conseguinte, indagados se conhecem esse tipo diferenciado de fonte de informação, tem-se o seguinte gráfico:

Gráfico 17 – Conhecimento sobre esse tipo diferenciado de fonte de informação.

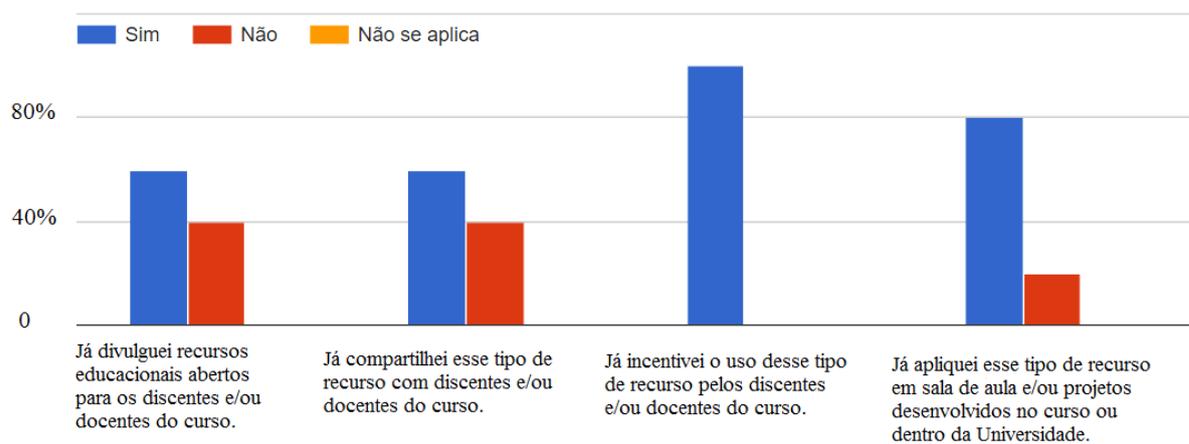


Fonte: elaborado pela autora (2016).

Os dados revelam, portanto, respostas coerentes com a pergunta anterior. O mesmo percentual que afirmou ter se deparado com o termo REA na Biblioteconomia respondeu ter conhecimento sobre esse tipo diferenciado de fonte de informação. Portanto, constata-se que o público B – professores – possui o discernimento de REA como uma fonte diferenciada de informação, além de um expressivo conhecimento desse tipo de recurso.

O bloco três, destinado a princípio a identificar como é feito o compartilhamento, incentivo, aplicabilidade e divulgação de recursos educacionais abertos por docentes, demonstra o seguinte:

Gráfico 18 – Utilização de REA pelos professores.



Fonte: elaborado pela autora (2016).

Em relação à **divulgação** de recursos educacionais abertos, 60% (três respondentes), afirma tê-lo feito para discentes e/ou docentes do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás. Duas pessoas disseram que não.

Quanto ao **compartilhamento** com discentes e/ou docentes, três pessoas (60%) responderam já terem compartilhado este recurso e duas pessoas (40%) não compartilharam.

Com relação ao ato de **incentivar** o uso de REA pelos discentes e/ou docentes do curso, todo o público B afirma realizar esta prática. Isso destoa da resposta sobre a divulgação, como citado acima.

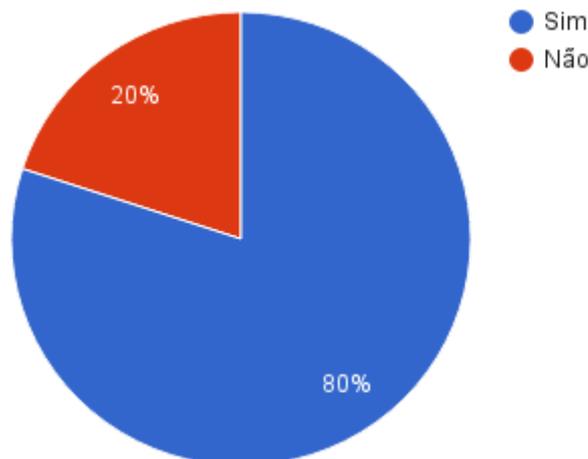
No que diz respeito a **aplicabilidade**, quatro respondentes (80%) afirmam aplicar REA em sala de aula e/ou projetos desenvolvidos no curso ou na Universidade. Outros 20% não realizam esta prática.

Percebe-se que este percentual, “aplicabilidade”, é o mesmo em relação ao conhecimento do termo REA (vide gráfico 16). Portanto, pressupõe-se que os outros 20% que não realizam a aplicabilidade de tais recursos, pode ser justificada pela falta de conhecimento do termo em Biblioteconomia – também representada por 20% dos respondentes.

A falta de conhecimento desse tipo de recurso, pode se justificar em alguns casos, pela dificuldade em acessá-lo, pela falta de conteúdo dentro da área de Biblioteconomia, por diferentes formatos e pelo layout, que em alguns casos dificultam a sua adaptação. Dessa forma, Santos (2013) ressalta algumas iniciativas para que os REA possam ser utilizados de fato, como a interatividade entre usuários e provedores, interfaces amigáveis, além da interoperabilidade com outras plataformas.

Quanto ao processo de utilização da informação, compreendido no bloco quatro do questionário, o grupo em estudo foi questionado se realiza pesquisas em plataformas abertas. O gráfico seguinte expõe os percentuais:

Gráfico 19 – Pesquisas em plataformas abertas.

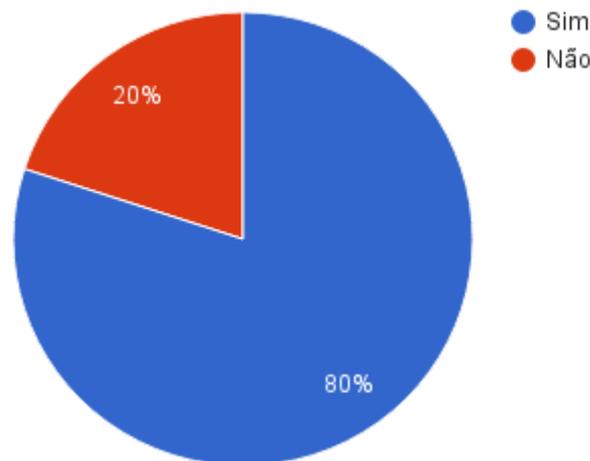


Fonte: elaborado pela autora (2016).

Os dados revelam que 80% do público B (quatro respondentes), utiliza plataformas abertas, como Youtube, Veduca, Wikipédia, entre outras (vide gráfico 17). Portanto, a maior parte desta amostra tem o costume de realizar pesquisas fora do tradicional impresso, considerando esse atributo como um fator importante e primário para a adoção de fontes diferenciadas de informação.

Ao serem questionados se observam a permissão de uso do material, localizada como a segunda questão do bloco quatro, nota-se:

Gráfico 20 - Permissão de uso.



Fonte: elaborado pela autora (2016).

Os dados revelam que 80% afirmam observarem a licença do material e 20% não observam este requisito. Vale ressaltar que o profissional que atua nesta área é induzido durante sua formação acadêmica a tomar alguns cuidados no momento em que realiza buscas na Internet, fato que pode ser justificado pelos docentes em ter o costume de realizar a verificação da permissão de uso do material. A utilização de recurso aberto na Internet, seja ele para estudo pessoal ou aplicação no local de trabalho deveria ser feita com o cuidado de se observar a licença do item, o que não é observado pela totalidade do público docente.

O público B foi questionado na terceira pergunta do bloco, sobre qual é o grau de credibilidade conferido às informações obtidas por meio da Internet, tendo-se o seguinte panorama:

Gráfico 21 - Grau de credibilidade de informações encontradas na internet.

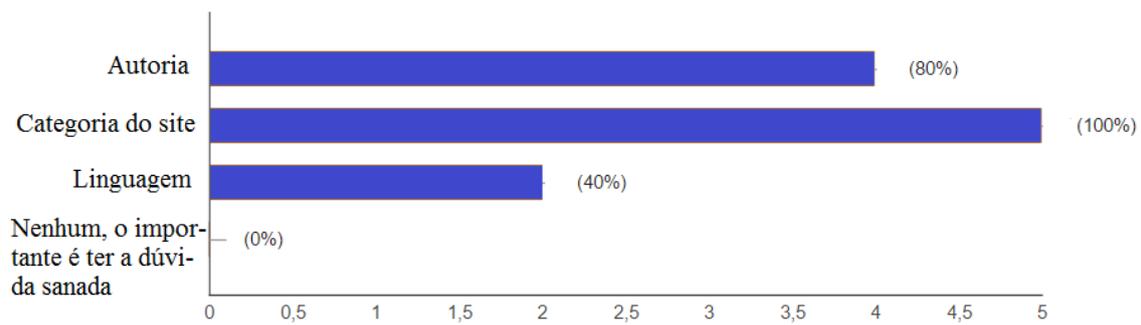


Fonte: elaborado pela autora (2016).

De acordo com as respostas, 60% (três respondentes) diz que a credibilidade dessas fontes é menor do que as fontes encontradas em livros e periódicos. Já 40% (dois respondentes) afirmam terem a mesma credibilidade de documentos impressos. Nota-se que há um alinhamento desse grupo com o público A – alunos – em relação as fontes tradicionais que são priorizadas em vez das fontes web.

Na quarta questão do bloco, foi perguntado quais são os critérios que costumam utilizar para avaliar se as informações encontradas na Internet são de qualidade e seguras (vide gráfico 22). Vale ressaltar que esta pergunta permitia a escolha de mais de uma opção, resultando na distorção da porcentagem. O primeiro critério mais utilizado é a “categoria de site” – pesquisas em sites institucionais e especializados – surgindo com 100% das respostas. O segundo critério, a “autoria” aparece com respectivos quatro respondentes (80%).

Gráfico 22 - Critérios para a utilização de Fontes de Informação na Internet.



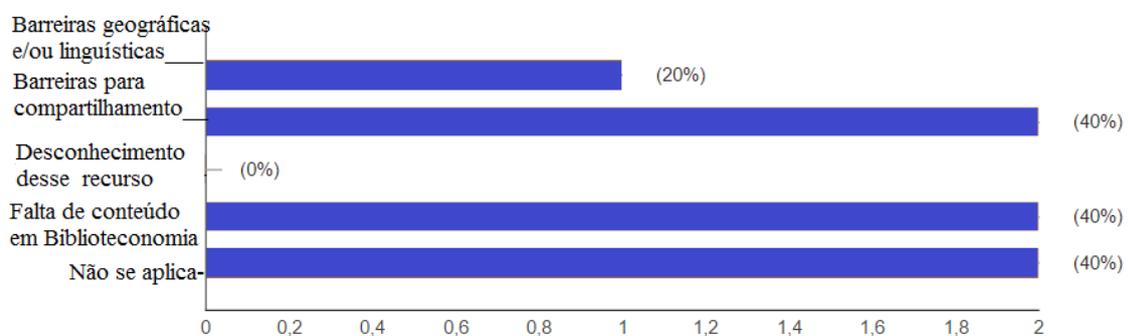
Fonte: elaborado pela autora (2016).

O critério “linguagem para descrever o assunto” (40%), foi escolhido apenas por dois docentes, em que junto a este critério, também adotaram outros dois “autoria e categoria de site”. Percebe-se então, que estes professores têm o costume de utilizar o máximo de critérios possíveis para avaliar uma fonte de informação.

A literatura sobre critérios para a avaliação de fontes não destaca uma ordem cronológica sobre qual critério é mais relevante. Partindo desse pressuposto Tomaél, (et. al, 2004) destacam alguns fatores importantes para a avaliação de uma fonte, no qual, a clareza na apresentação, organização, atualização, revisão e coerência com os propósitos de quem a busca são fatores primordiais para a avaliação. Desta maneira, se deduz que a maioria dos docentes tem o cuidado com fontes encontradas na Internet, pois utilizam de antemão alguns critérios para avaliá-las e buscá-las.

Questionados sobre possíveis dificuldades para o acesso de conteúdos REA, como barreiras geográficas e/ou linguísticas, barreiras para compartilhamento e permissão de uso, barreiras como o desconhecimento desse tipo de recurso e falta de conteúdo especializado em Biblioteconomia, tem-se o seguinte cenário:

Gráfico 23 - Barreiras encontradas para o acesso de conteúdos REA.



Fonte: elaborado pela autora (2016).

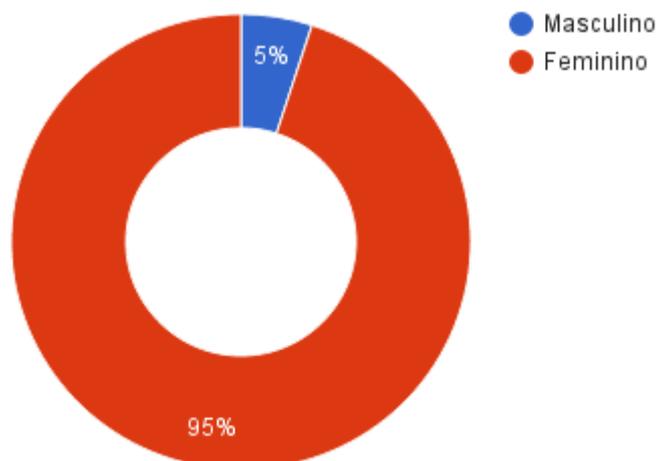
O gráfico mostra que barreiras como dificuldade para o “compartilhamento e ou permissão de uso”, “falta de conteúdo em Biblioteconomia” e “não se aplica”, obtiveram a mesma porcentagem com 40% (duas pessoas) das escolhas. As barreiras geográficas ou linguísticas aparecem com 20% de dificuldade, correspondendo a uma pessoa.

Os dados também revelam que os professores não possuem dificuldades quanto ao desconhecimento de recursos educacionais abertos. Ou seja, todos conhecem esse tipo de recurso, porém, enfatizam a falta de conteúdo especializado em Biblioteconomia.

#### 4.3 DADOS OBTIDOS COM PROFISSIONAIS BIBLIOTECÁRIOS

O primeiro e o segundo bloco do questionário é compreendido pelos dados de caracterização, como a faixa etária, o sexo, a formação acadêmica, o cargo exercido atualmente e há quanto tempo exerce o cargo. Ao analisar o **público C**, composto por bibliotecários atuantes no mercado, nota-se que 95% dos que participaram do estudo são do sexo feminino; e 5% masculino.

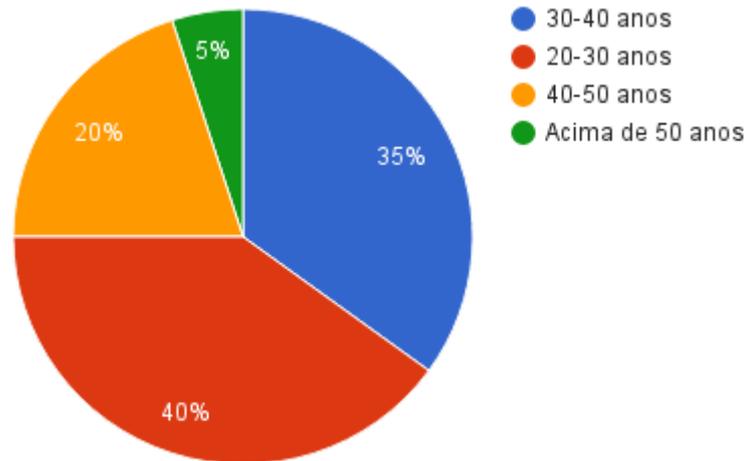
Gráfico 24 – Categorização do sexo.



Fonte: elaborado pela autora (2016).

No quesito faixa etária, ainda no bloco de caracterização, tem-se o seguinte cenário:

Gráfico 25 – Faixa etária.

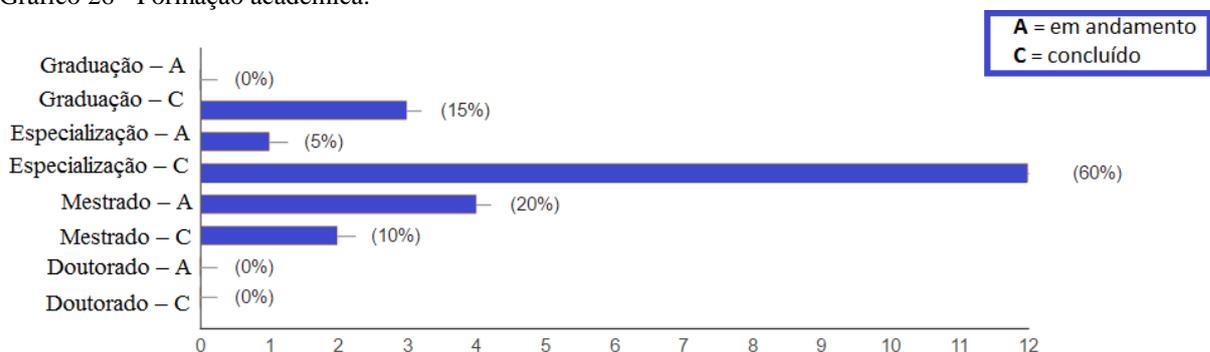


Fonte: elaborado pela autora (2016).

O gráfico 25 mostra que a maioria tem entre 20 e 30 anos, com porcentagem de 40% (oito respondentes). A faixa etária entre 30 e 40 anos corresponde a 35% dos respondentes (sete pessoas). Outros 20% equivalem a faixa de 40 a 50 anos de idade (quatro pessoas). A menor porcentagem (5%) condiz com um respondente com idade acima de 50 anos.

Iniciando o bloco dois do questionário, ainda sobre a caracterização do público C, indagou-se qual a formação acadêmica dos mesmos, notou-se que:

Gráfico 26 - Formação acadêmica.



Fonte: elaborado pela autora (2016).

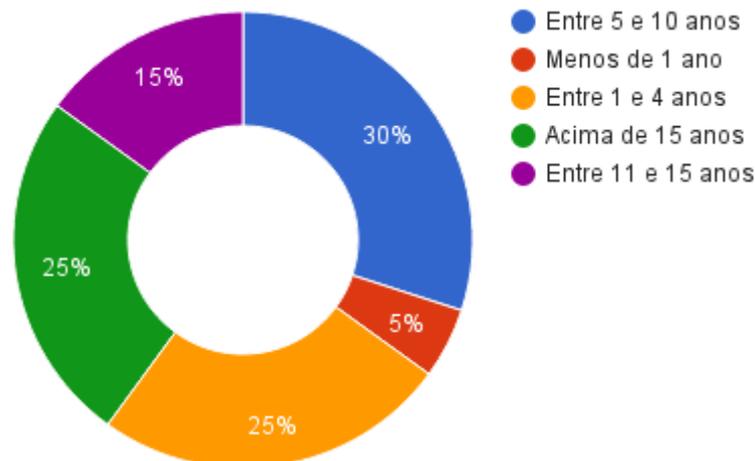
Conforme indicam os dados 12 respondentes (60%) estão com uma especialização concluída, outros 5% em andamento. Quanto ao mestrado, dois respondentes (10%) estão com esta formação concluída e os outros quatro (20%) estão em andamento.

No quesito apenas graduação em Biblioteconomia, os dados revelam 3 respondentes, no entanto, dois permaneceram apenas com graduação sem nenhum tipo de especialização. Logo, todo o público com exceção de duas pessoas, buscaram alguma forma de se especializar compreendendo desde a graduação ao doutorado, não ficando estagnado apenas a um tipo de formação.

Vale lembrar, que todo o público C é composto por profissionais formados em Biblioteconomia. Portanto, a distorção na porcentagem do gráfico acima se justifica pela especificidade no detalhamento da formação acadêmica, visando delimitar mais claramente a formação dos mesmos.

A segunda pergunta do bloco, destinou-se a saber dos respondentes há quanto tempo concluíram a sua última graduação, representado no gráfico a seguir:

Gráfico 27 - Tempo que concluiu a graduação em Biblioteconomia.

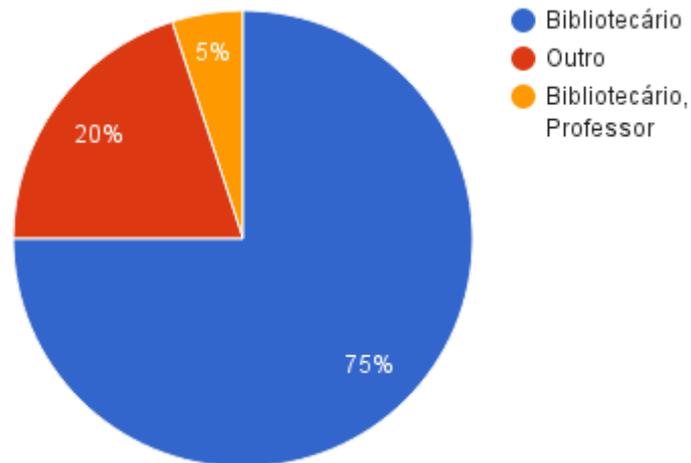


Fonte: elaborado pela autora (2016).

Conforme o gráfico 27, a maior parte do público (30%), equivalente a seis respondentes, concluiu a graduação em Biblioteconomia entre 5 e 10 anos. Já 25% (cinco respondentes) afirmam ter concluído entre 1 e 4 anos. Outros 25% da amostra afirmam ter concluído o curso há mais de 15 anos. Três respondentes (15%) dizem ter concluído entre 11 e 15 anos, os demais 5% há menos de um ano.

Quanto ao cargo exercido atualmente, situada como a terceira pergunta do bloco, tem-se o seguinte panorama:

Gráfico 28 – Cargo exercido atualmente.

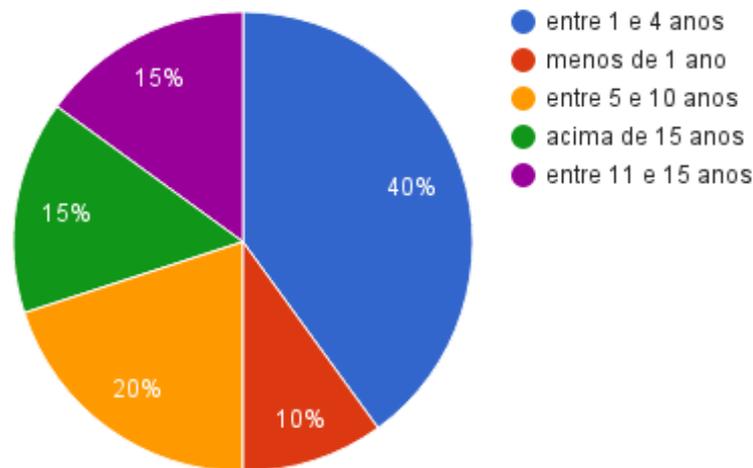


Fonte: elaborado pela autora (2016).

Dezesseis respondentes (75%) do público C, exercem o cargo de bibliotecário, no qual, um respondente destes citados (5%), realiza além de atividades como bibliotecário, atividades como professor. Os outros 4 respondentes (20%) exercem outro tipo de atividade.

A última pergunta do bloco, refere-se há quanto tempo exercem o cargo. Os dados revelam que:

Gráfico 29 - Tempo que exerce o cargo.

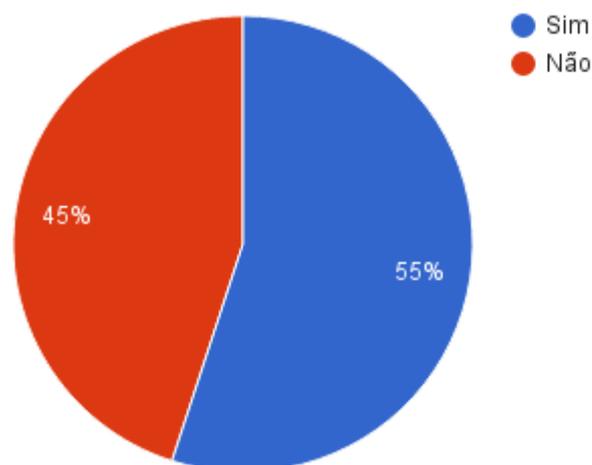


Fonte: elaborado pela autora (2016).

Conforme as respostas, 40% exercem o cargo entre 1 a 4 anos, 20% entre 5 e 10 anos, 15% entre 11 e 15 anos, outros 15% acima de 15 anos e somente 10% a menos de 1 ano. Há um equilíbrio no tempo de atuação como bibliotecário, já que foram constatados desde profissionais formados recentemente até bibliotecários sênior.

O bloco três é voltado para verificar como é feita a utilização de recursos educacionais abertos. Questionados se já se depararam com o termo REA em Biblioteconomia, nota-se o seguinte panorama:

Gráfico 30 - Conhecimento sobre REA na Biblioteconomia.

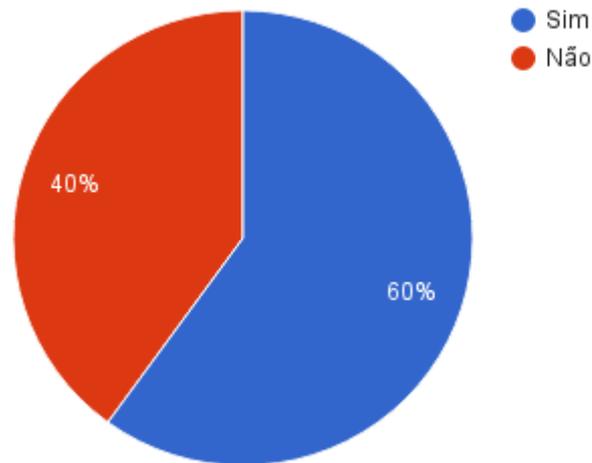


Fonte: elaborado pela autora (2016).

Os dados revelam que onze pessoas (55%) se depararam com o termo REA em Biblioteconomia, outros nove respondentes (45%) afirmam não terem esse conhecimento.

O público C também foi indagado se conhecia esse tipo diferenciado de fonte de informação, obtendo-se a seguinte constatação:

Gráfico 31 - Conhecimento sobre esse tipo diferenciado de fonte de informação.

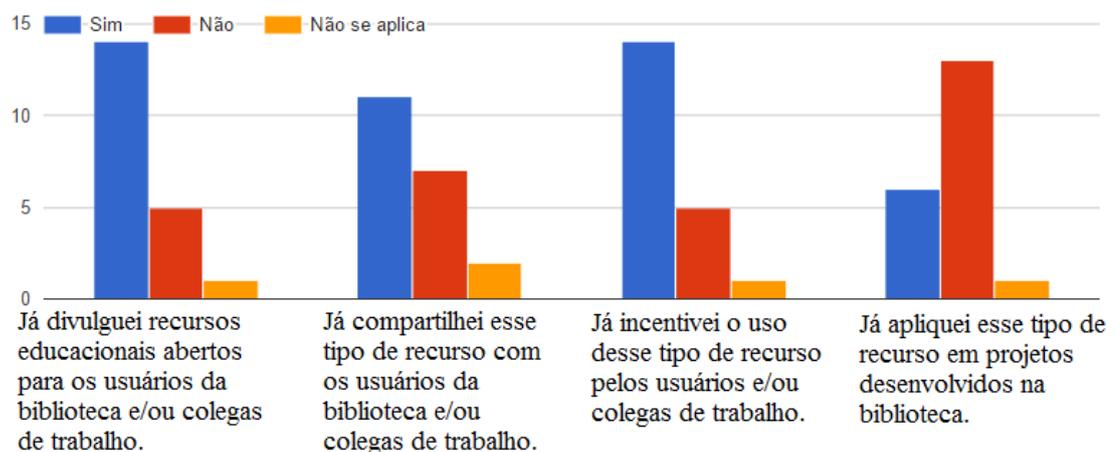


Fonte: elaborado pela autora (2016).

O gráfico mostra que 12 respondentes (60%) afirmam conhecer essa fonte de informação e 8 respondentes (40%) afirmam não conhecer. Portanto, os dados revelam um aumento na percepção de REA enquanto fonte de informação, se comparado ao gráfico 11. Pois a partir do momento em que são perguntados sobre essa “fonte de informação diferenciada” o percentual de 55% – pessoas que haviam se deparado com o termo dentro da Biblioteconomia – aumenta para 60% de pessoas que assimilam REA como uma fonte de informação.

A próxima pergunta do bloco, foi destinada a princípio para identificar como é feito o compartilhamento, incentivo, aplicabilidade e divulgação de recursos educacionais abertos por profissionais. Os dados obtidos são representados no gráfico a seguir:

Gráfico 32 - Utilização de REA pelos profissionais bibliotecários.



Fonte: elaborado pela autora (2016).

Percebe-se em relação a **divulgação**, que quatorze respondentes (70%) afirmam ter divulgado para usuários da biblioteca e/ou colegas de trabalho, cinco respondentes (25%) dizem não divulgar e um respondente (5%) diz que não se aplica.

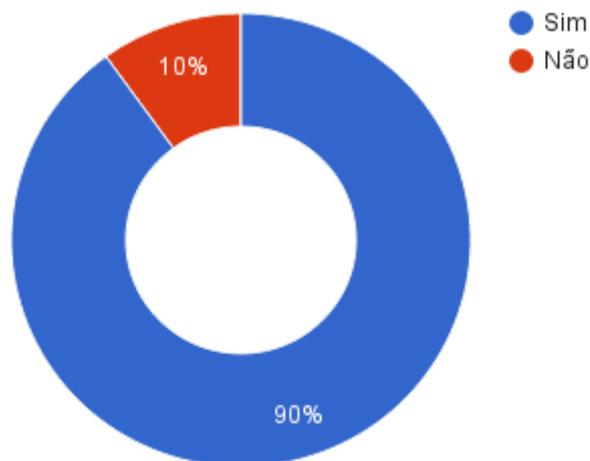
Quanto ao seu **compartilhamento** onze pessoas (55%) responderam já terem compartilhado este recurso com usuários da biblioteca e/ou colegas de trabalho, sete pessoas (35%) não compartilharam, duas pessoas (10%) marcaram não se aplica.

Com relação ao ato de **incentivar** o uso pelos usuários da biblioteca e/ou colegas de trabalho, a maioria do público C (70%), afirmam realizar esta prática. No entanto, cinco respondentes (25%) não incentivam e um (5%) diz não se aplicar.

No que diz respeito a **aplicabilidade**, somente 6 respondentes (30%) afirmam aplicar recursos educacionais abertos em projetos desenvolvidos na biblioteca. Percebe-se que este percentual é muito inferior ao percentual de conhecimento do termo REA, conforme já citado no gráfico 30. Os outros treze respondentes (65%) não realizam esta prática. Um respondente (5%) diz que não se aplica.

O quarto bloco do questionário destinou-se ao processo de utilização da informação como, por exemplo, pesquisas realizadas em plataformas abertas, se observam a licença de uso do material, o grau de credibilidade conferido as fontes encontradas na Internet, quais são os critérios para avaliar as mesmas e algumas barreiras ao acessar recursos educacionais abertos. A primeira pergunta do bloco, destinou-se a indagar se os pesquisados realizam pesquisas em plataformas abertas, conforme o gráfico abaixo:

Gráfico 33 - Pesquisas em plataformas abertas.

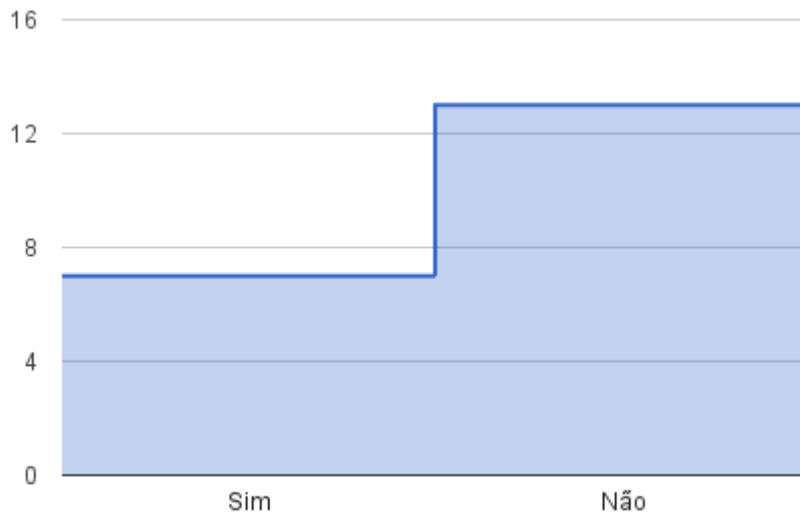


Fonte: elaborado pela autora (2016).

Grande parte do público C, afirma ter o costume de realizar pesquisas em plataformas abertas, como Youtube, Veduca, Wikipédia, entre outras. Apenas dois respondentes (10%) não possuem esse costume. Essa perspectiva não condiz com a percepção de REA (vide gráfico 30), onde 55% diz ter conhecimento do termo, contudo, 90% afirmam realizar pesquisas em plataformas abertas. Conseqüentemente, o público em questão tem o costume de utilizar recursos educacionais abertos, mas aparentam não ter esse discernimento de que plataformas abertas também podem ser REA.

Na segunda pergunta do bloco, o público em questão foi questionado se ao encontrarem recursos abertos na Internet possuem o hábito de observarem qual é a permissão de uso do material, obtendo-se o seguinte cenário:

Gráfico 34 - Permissão de uso.

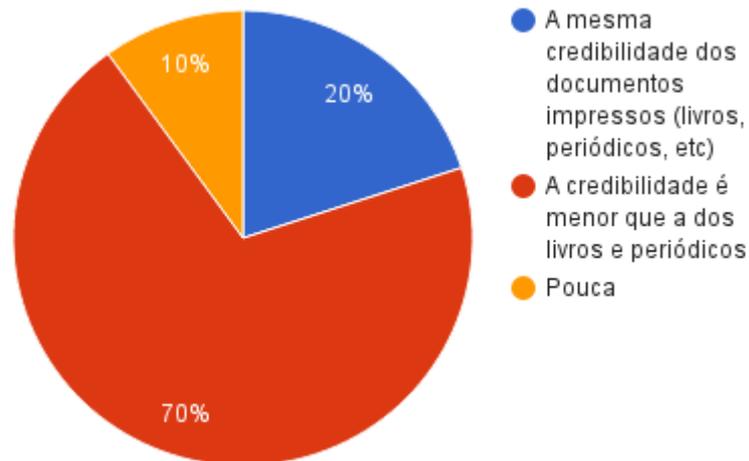


Fonte: elaborado pela autora (2016).

O gráfico 34 mostra que somente sete respondentes (35%), ao utilizar recurso aberto na Internet, seja para estudo pessoal ou aplicação no local de trabalho, observam a licença de uso do material. Treze respondentes (65%) não possuem a preocupação em observar a permissão de uso do material. Portanto, esse universo não tem o costume de observar a licença de uso do material, sendo um fator preocupante, pois são profissionais da informação e precisam ter esse tipo de discernimento, até para que tenham condições de fazê-lo perante o usuário que será atendido.

Questionados sobre qual é o grau de credibilidade conferido às informações obtidas por meio da Internet, tem-se o seguinte panorama:

Gráfico 35 - Grau de credibilidade de informações encontradas na internet.

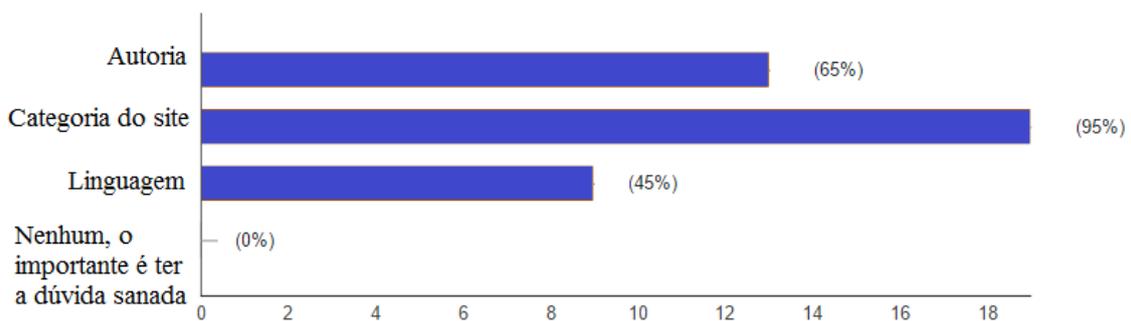


Fonte: elaborado pela autora (2016).

No gráfico 35 é possível observar que 70% (quatorze respondentes) acredita que informações desse gênero possuem a credibilidade menor que a dos livros e periódicos, 20% confiam ter a mesma credibilidade que documentos impressos e somente 10% julgam ter pouca credibilidade. Dessa forma, o público C, da mesma forma que os grupos A e B, prioriza as fontes tradicionais de informação.

Indagados na quarta pergunta do bloco, sobre quais critérios os profissionais costumam utilizar para avaliar uma fonte obtida por meio da Internet como segura e de qualidade, nota-se o seguinte contexto:

Gráfico 36 - Critérios para a utilização de fontes de informação na Internet.



Fonte: elaborado pela autora (2016).

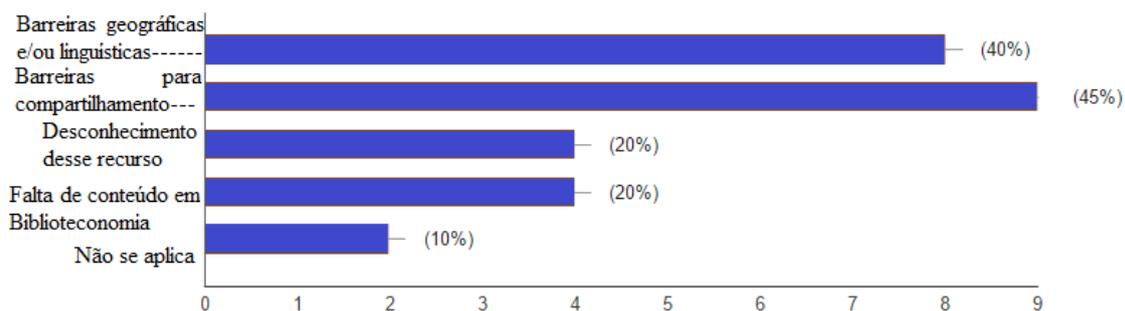
A questão permitiu marcar mais de uma opção. Conforme o gráfico 36, dezenove respondentes (95%) afirmam observar a “categoria de site”, como página institucional, portal especializado no assunto, etc. Em seguida, o segundo critério mais votado foi a “autoria”, com

treze (65%) respondentes. O terceiro critério mais observado é a “linguagem utilizada para descrever o assunto”, com 9 (45%) respondentes.

Almeida (2008) discorre alguns critérios que sempre são utilizados pelos estudiosos ao avaliar fontes, como aspectos de autoridade, cobertura/abrangência, conteúdo, confiabilidade, atualização e usabilidade. No entanto, o critério mais utilizado por este público é a “categoria de site”, ou seja, páginas institucionais e portais especializados, seguido do critério “autoria”.

A última questão do bloco foi aplicada na tentativa de investigar mais a fundo a utilização de recursos educacionais abertos pelo público C. Foram perguntados quais são as barreiras/dificuldades para acessar conteúdos REA, como vídeoaulas, materiais didáticos, softwares livres, vídeos online, páginas de conteúdo aberto, entre outros, tendo-se a seguinte constatação:

Gráfico 37 - Barreiras encontradas para o acesso de conteúdos REA.



Fonte: elaborado pela autora (2016).

As barreiras para o compartilhamento e/ou permissão de uso foram as mais citadas pelo público C, com um percentual de 45%. A segunda dificuldade são as barreiras geográficas e/ou linguísticas, correspondendo a 40% do total. A terceira e quarta dificuldade correspondem à falta de conhecimento desse tipo de recurso e à falta de conteúdo em Biblioteconomia, ambas com 20% do total.

#### 4.4 ANÁLISE AGREGADA DOS TRÊS PÚBLICOS

Esta sessão aborda a análise em conjunto das três amostras. Foi criada com o propósito de melhor representar/comparar os três universos, no qual apresentará alguns pontos mais notáveis da análise anterior. Diante disso, a análise também foi discorrida a fim de representar/aproximar os objetivos específicos deste trabalho.

Com relação à percepção do termo REA dentro da Biblioteconomia e também em relação à percepção de REA como uma fonte de informação, tem-se o seguinte cenário:

Tabela 2 – Percepção de REA e Fontes de Informação.

	<b>Discentes</b>	<b>Docentes</b>	<b>Bibliotecários</b>
<b>Percepção do termo REA em Biblioteconomia</b>	50%	80%	55%
<b>Percepção enquanto Fonte de Informação</b>	40%	80%	60%

Fonte: elaborado pela autora (2016).

Quanto à percepção do termo REA dentro da Biblioteconomia, os dados revelam que os docentes são o público que mais aderiu a esta percepção, em seguida tem-se os profissionais bibliotecários e por fim os discentes do curso. O fato do público B – docentes – serem o público que mais se deparou com o termo, pode se justificar por estarem dentro da academia, onde estão em um ambiente de constante aprendizagem e descoberta.

Em se tratando da aplicabilidade, os três universos foram questionados quanto ao incentivo, o divulgar, o aplicar, o compartilhar e ser incentivado a utilizar recursos educacionais abertos, obtendo-se o seguinte panorama:

Tabela 3 – Aplicabilidade de REA.

	<b>Discentes</b>	<b>Docentes</b>	<b>Bibliotecários</b>
<b>Divulgar</b>	40%	60%	70%
<b>Incentivar</b>	30%	100%	70%
<b>Aplicar</b>	50%	80%	30%
<b>Compartilhar</b>	60%	60%	55%
<b>Foi incentivado</b>	50%	--	--

Fonte: elaborado pela autora (2016).

Os discentes possuem uma grande porcentagem da instância de **compartilhamento** de REA, aliás a maior se comparado aos outros grupos. Porém, possuem o menor percentual de incentivar o uso desses recursos em seu local de estágio. Contudo, quando questionados de sua aplicação pessoal ou para apresentação de trabalhos acadêmicos, a utilização deste recurso volta a subir com 50% do total. Portanto, os dados revelam que o local de estágio é o único a não se beneficiar com o uso destes recursos, talvez seja pela

pequena abertura do estagiário no seu local de trabalho ou a falta de recursos do próprio ambiente.

Quanto ao ato de **incentivar o uso**, o público B – docentes – dispõe o maior percentual se comparado aos outros públicos. Isso pode se justificar pelo fato de fazerem parte da formação e desenvolvimento de inúmeros alunos. Além da reponsabilidade em transmitir o conhecimento adiante, realizam uma das funções do bibliotecário, a função sócio educador. Comparando-se aos outros dois universos, os docentes possuem os maiores percentuais tanto para compartilhar quanto para aplicar e incentivar, perdendo apenas para o público C com o fator “divulgar”.

Quanto ao público C – bibliotecários – a maior utilização de REA neste público equivale ao ato de “divulgar” e “incentivar”. Diante deste universo, se comparado aos outros dois públicos as porcentagens de “aplicar” e “compartilhar” são inferiores aos demais.

Com relação ao costume de realizar pesquisas em plataformas abertas como Youtube, Veduca, Wikipédia, entre outros e se observam as licenças de uso presentes em recursos abertos na Internet, tem-se a seguinte constatação:

Tabela 4 – Realização de pesquisas em plataformas abertas e suas permissões de uso.

	<b>Discentes</b>	<b>Docentes</b>	<b>Bibliotecários</b>
<b>Realiza pesquisas em plataformas abertas</b>	100%	80%	90%
<b>Observam a permissão de uso</b>	40%	80%	35%

Fonte: elaborado pela autora (2016).

Nota-se que o público A – discentes – é o que mais realiza pesquisas em plataformas abertas. Fato que pode ser justificado pela revolução da Web e também por pertencerem a esta geração de evolução informacional. Entretanto, não possuem o costume de observarem a licença de uso de materiais encontrados na Web. Vale lembrar, que nem todo material encontrado na Web é realmente disponível para a sua utilização, por isso a necessidade de se aterem a permissão de uso do material. Os dados revelam que o público B – docentes – são os únicos com maior regularidade que observam a licença do material encontrado na Web.

Em se tratando das dificuldades encontradas para acessar recursos educacionais abertos, tem-se a seguinte esfera:

Tabela 5 – Barreiras para o acesso de REA.

	<b>Discentes</b>	<b>Docentes</b>	<b>Bibliotecários</b>
<b>Barreiras geográficas e/ou linguísticas</b>	40%	20%	40%
<b>Barreiras para compartilhamento e permissão de uso de recursos abertos</b>	40%	40%	45%
<b>Barreiras como o desconhecimento desse tipo de recurso</b>	20%	0%	20%
<b>Falta de conteúdo especializado em Biblioteconomia</b>	40%	40%	20%
<b>Não se aplica</b>	20%	40%	10%

Fonte: elaborado pela autora (2016).

Os dados revelam que as maiores dificuldades encontradas pelo público A, são “barreiras geográficas”, “barreiras para o compartilhamento e permissão de uso” e a “falta de conteúdo especializado em Biblioteconomia”, portanto, este é o público que mais tem “dificuldade” para o acesso de recursos educacionais abertos, com altas porcentagens sobre várias das barreiras. Em se tratando dos docentes, estes indicaram dificuldades como “barreiras para o compartilhamento e permissão de uso” e “falta de conteúdo especializado em Biblioteconomia”. Quanto aos profissionais, suas barreiras também se resumem em dois critérios, sendo eles “barreiras geográficas” e “barreiras para o compartilhamento e permissão de uso”.

## 5 CONCLUSÃO

A pesquisa evidenciou a proximidade entre recursos educacionais abertos e fontes de informação, buscando compreender a primeira temática sob a ótica da Biblioteconomia. Para alcançar o cenário estabelecido teve-se como primeiro objetivo levantar a percepção dos pesquisados sobre recursos educacionais abertos. O segundo objetivo buscou investigar a aplicação dos REA por docentes, discentes e profissionais no contexto biblioteconômico. O último objetivo do estudo investigou o uso pessoal feito dos REA pelos pesquisados.

De modo geral, há diferenças na percepção sobre recursos educacionais abertos em cada público, pois percebe-se que não há familiaridade com o termo sendo uma fonte de informação, apesar da maior parte ter conhecimento de REA. Nota-se que os docentes possuem maior discernimento de REA enquanto fonte de informação, ao contrário dos discentes que sabem o que é REA mas não o associam como fonte de informação. Os profissionais também apresentam um número inferior na percepção de REA enquanto fonte de informação, apesar da porcentagem estar à frente dos discentes.

A expectativa, ao desenvolver o estudo no contexto biblioteconômico, seria encontrar um panorama onde todo o público estabelecido – que lida com um cenário informacional – estaria familiarizado com a potencialidade e proximidade dos REA e tendo ampla percepção sobre o mesmo. Por se tratar de uma realidade onde o profissional lida diariamente com a informação, credita-se a ele a capacidade de lidar com fontes em diferentes formatos e suportes.

Outra questão, relacionada ao público discente, diz respeito a média de idade e à conjuntura dos mesmos. Os alunos se encontram na Universidade, ambiente este propício a produção de conhecimento, estando em constante atualização, além de realizarem a prática de estágio e novas tecnologias. Contudo, a presente investigação trouxe à tona uma constatação distinta da esperada.

Quanto ao segundo objetivo do estudo, constatou-se uma disparidade na aplicação de REA. O público A – discentes – não realiza a aplicação de REA no local de estágio, somente no cenário acadêmico. Com relação ao ato de incentivar, o público B – docentes – possui o maior percentual. Contudo, a maior porcentagem de “divulgação” e por conseguinte também de “incentivo” pertence aos profissionais.

Uma vez que se trata de um público uniforme, em que todos os sujeitos pertencem a área de informação, a aplicação de recursos educacionais abertos deveria ser mais efetiva

em todos os âmbitos. Logo, a aplicação, o incentivo e o compartilhamento deveriam ocorrer de maneira constante em todos os públicos.

Em termos do uso pessoal, especificamente tratando-se do terceiro objetivo, os respondentes foram investigados se realizam pesquisas em plataformas abertas; se ao utilizarem esses recursos observam qual a permissão de uso do material; qual o grau de credibilidade de fontes encontradas na Internet; e quais critérios utilizam para avaliar estas fontes. Também foram investigadas as dificuldades para acessar materiais REA. Os dados evidenciaram que a comunidade bibliotecária goiana tem uma certa predisposição para a utilização de fontes diferenciadas de informação, pois a maioria realiza pesquisas em plataformas abertas. No entanto, apenas os docentes têm a maior prática de observar qual a licença de uso.

Com relação ao grau de credibilidade conferido às fontes encontradas na Internet, o público investigado credita maior valor a fontes tradicionais impressas, como livros e periódicos. Entrando assim, em contradição com a prática de realizarem estudos em plataformas abertas, já que não possuem confiabilidade em fontes encontradas na Web.

Ainda na vertente de uso pessoal percebe-se que os dois critérios mais utilizados para avaliar estas fontes são “categoria de site” e “autoria” englobando todo o público. Com relação as dificuldades encontradas para acessar recursos educacionais abertos, percebe-se que a principal barreira encontrada é o “compartilhamento e permissão de uso”, seguida de “barreiras geográficas” e “falta de conteúdo especializado em biblioteconomia”.

Logo, com a constante mutabilidade da informação pensava-se que a comunidade em estudo estaria em constante atualização, entretanto, o cenário estabelecido é contraditório a este pensamento, pois a maioria do público em questão, utiliza ou já utilizou recursos educacionais abertos, porém, não tem consciência desse feito. Mota e Oliveira (2005) afirmam que essa “era da informação” necessita de conhecimento e habilidades no uso de tecnologias, independentemente do suporte em que se encontram.

Portanto, mesmo se tratando de materiais que mudam o paradigma de tratamento da informação, especificamente fontes de informação, o bibliotecário precisa desenhar novos mapas, novas órbitas e se preparar para atuar com este recurso. Afinal, a Internet está se tornando o maior celeiro de fontes, no qual o profissional, esteja ele na academia ou no mercado de trabalho, deve utilizar estas ferramentas a seu favor e em condições para o seu melhor desempenho.

## 5.1 SUGESTÃO DE ESTUDOS FUTUROS

De acordo com o cenário exposto, outras pesquisas podem vir a focar a criação de um projeto/pesquisa que estimule os profissionais, docentes ou discentes, enfim, a comunidade a atuar na criação de recursos educacionais abertos. Logo, proporcionando a proximidade entre o público estudado e recursos educacionais abertos como fontes de informação. A elaboração dessa pesquisa pode inclusive, atingir outras áreas.

Pesquisas futuras também podem ser conduzidas para a elaboração de um livro REA para professores. Por conta do fluxo ocorrido dentro da academia – pedidos de licença, afastamento, etc – a criação deste livro facilitaria a utilização e planejamento de aulas com conteúdos dentro da Biblioteconomia que seriam mais fáceis de ser encontrados e dinamizados, inclusive, nutrido de conhecimento, fato justificado pela contribuição de todos.

Pesquisas distintas também podem ser conduzidas no estudo de plataformas abertas para a área em questão e/ou plataformas que facilitem o trabalho e manuseio entre a comunidade bibliotecária. Aconselha-se, por fim, a continuidade nos estudos de REA enquanto fonte de informação, visando a potencialidade destes recursos enquanto disseminadores do conhecimento e até mesmo a divulgação deste recurso para as demais comunidades.

Também pode ser feito estudos direcionados à classificação desses recursos, uma vez que a Ciência da Informação já possui o hábito de classificar fontes de informação. Esta vertente poderia ser direcionada aos recursos educacionais abertos.

## REFERÊNCIAS

AMIEL, Tel; OREY, Michael; WEST, Richard. Recursos educacionais abertos (REA): modelos para localização e adaptação. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 12, p. 112-125, mar. 2011.

ALVIM, Vanessa dos Santos. **Perfil do profissional bibliotecário frente às demandas da sociedade da informação**: um estudo dos profissionais da região Centro-Oeste. Goiânia, 2015. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Biblioteconomia, Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás.

ALMEIDA, Patrícia Pinheiro. **Fontes de informação literária na internet**: uma avaliação. Florianópolis: 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91389/248677.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2016

ARAÚJO, Eliany Alvarenga; DIAS, Guilherme Atayde. A atuação do bibliotecário no contexto da sociedade de informação: os novos espaços de informação. In: CENDON, Beatriz Valadares *et al.* OLIVEIRA, Marlene de (Coord.). **Ciência da informação e biblioteconomia**: novos conteúdos e espaços de atuação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 111-123.

ARAÚJO, Nelma Camêlo. FACHIN, Juliana. Evolução das fontes de informação. **Biblios**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 29, n.1, 2015.

CATIVO, Jorge. Biblioteca digital. Disponível em: <<http://www.biblioteconomiadigital.com.br/2012/02/fontes-de-informacao-conceitos-e-tipos.html>>. Acesso em: 24 fev. 2016.

CREATIVE COMMONS. Disponível em: <<https://br.creativecommons.org/>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

CONGRESSO MUNDIAL SOBRE RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS (REA) DE 2012. In: Declaração de REA Paris. 2012, Paris. **Tópico temático...** UNESCO. Disponível em: <[http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/WPFD2009/Portuguese\\_Declaration.html](http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/WPFD2009/Portuguese_Declaration.html)>. Acesso em: 30 jun. 2016.

COSMOS, Marília Rianny Pereira. **Fontes de informação digitais**: Análise das dissertações do Programa de Pós-graduação em Design da UFPE. Recife, 2011. Disponível em: <<http://www.liber.ufpe.br/bibtcc/files/p/402/402.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

CHOO, Chun Wei. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. Eliana Rocha, (trad.). 2. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Para saber mais:** fontes de informação em ciência e tecnologia. Brasília, DF: Briquet de lemos, 2001. p. 168. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/15121/3/LIVRO\\_ParaSaberMais.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/15121/3/LIVRO_ParaSaberMais.pdf)> Acesso em: 19 jun. 2016.

EDUCAÇÃO ABERTA. Recursos Educacionais Abertos (REA): Um caderno para professores. Campinas, SP: Educação Aberta, 2011. Disponível em: <<http://www.educacaoaberta.org/rea>>.

GIL, Antônio Carlos **Como elaborar projetos de pesquisa** 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.

GIMENES, Itana M. S.; BARROCA, Leonor; FELTRIM, Valéria D. **Tendências na educação a distância e educação aberta na computação**, [2012]. Disponível em: <[http://www.imago.ufpr.br/csbc2012/anais\\_csbc/eventos/jai/artigos/JAI%20-%20Cap%201%20Tendencias%20na%20Educacao%20a%20Distancia%20e%20Educacao%20Aberta%20na%20Computacao.pdf](http://www.imago.ufpr.br/csbc2012/anais_csbc/eventos/jai/artigos/JAI%20-%20Cap%201%20Tendencias%20na%20Educacao%20a%20Distancia%20e%20Educacao%20Aberta%20na%20Computacao.pdf)>. Acesso em: 03 jul. 2016.

HILU, Luciane; TORRES, Patrícia Lupion; BEHRESNS, Marilda Aparecida. REA (recursos educacionais abertos) – conhecimentos e (des)conhecimentos. **Revista e-curriculum**, São Paulo, v.13, n. 01, p. 130-146. jan./mar. 2015.

HISTORY of Creative Commons. Disponível em: <<https://creativecommons.org/about/history/>>. Acesso em: 21 jul. 2016.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** 7. ed. - São Paulo: Atlas, 2010. 297 p.

MOTA, Francisca Rosaline Leite; OLIVEIRA, Marlene de. Formação e atuação profissional. In: OLIVEIRA, Marlene de (Coord.). **Ciência da informação e biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 97-110.

NOVELLI, Valéria Aparecida Moreira; HOFFMANN, Wanda Aparecida Machado; GRACIOSO, Luciana de Souza. Ferramentas para mediação de fontes de informação: avaliação sobre seus usos em bibliotecas universitárias nacionais e internacionais. **Perspectivas em Ciência da Informação**. v. 19, n. 3, p. 30-51. jul./set. 2014.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórica-prática** 14.ed. Campinas, SP: Papirus, 2008. 124 p. : il.

PEREIRA, Frederico Cesar Mafra. **Uso de fontes de informação: um estudo em micro e pequenas empresas de consultoria de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: UFMG, 2006. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/EARM-6Z9PVJ/mestrado\\_\\_\\_frederico\\_cesar\\_mafra\\_pereira.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/EARM-6Z9PVJ/mestrado___frederico_cesar_mafra_pereira.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 20 jun. 2016.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. **Fontes ou recursos de informação: categorias e evolução conceitual**. IBICT, 2006. Disponível em: <<http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/10/1/pbciblena.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2016.

RECURSOS Educacionais Abertos. **Conceito**. Disponível em:  
<<http://www.rea.net.br/site/conceito/>>. Acesso em: 25 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. **O que são os Recursos educacionais abertos?**. Disponível em:  
<[https://www.youtube.com/watch?v=MTrUZfTwy\\_c](https://www.youtube.com/watch?v=MTrUZfTwy_c)>. Acesso em: 25 jan. 2016.

RODRIGUES, Ana Vera; CRESPO, Isabel. Fonte de informação eletrônica: o papel do bibliotecário de bibliotecas universitárias. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. 1, p. 1-18, jul./dez. 2006 – ISSN: 1678-65X. Disponível em:  
<<http://polaris.bc.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/348/230>>. Acesso em: 24 jan. 2016.

RODRIGUES, Charles; BLATTMANN, Ursula. Gestão da informação e a importância do uso de fontes de informação para geração de conhecimento. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.19, n.3, p. 4-29, jul./set. 2014.

RUSSO, Mariza. **Fundamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2010.

SANTOS, Andreia Inamorato dos. Educação aberta: histórico, práticas e o contexto dos recursos educacionais abertos. In: SANTANA, Bianca; ROSSINI, Carolina; PRETTO, Nelson de Luca (orgs.). **Recursos Educacionais Abertos: práticas colaborativas e políticas públicas**. São Paulo: Casa da Cultura Digital; Salvador: Edufba, 2012.

SANTOS, Andreia Inamorato dos. **Recursos educacionais abertos no Brasil: o estado da arte, desafios e perspectivas para o desenvolvimento e inovação**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2013.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2007. 304 p., il.

SCHWITZER, Fernanda et al. Análise dos serviços de referência virtuais. **Revista Ponto de acesso**. v.1, n.2, p. 37-48, jul/dez. 2007.

SILVA, Edna Lúcia; MENEZES Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3 ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

SILVA, Daniela do Nascimento. **Recursos Educacionais Abertos como fontes de informação de apoio à Educação a Distância no Centro Integrado de Aprendizagem em Rede da Universidade Federal de Goiás**. Goiânia, 2014. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Biblioteconomia, Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás.

SILVA, Terezinha Elisabeth; TOMAÉL, Maria Inês. Fontes de informação na Internet: a literatura em evidência. In: TOMAÉL, Maria Inês; VALENTIM, Marta Lúcia Pomim (Orgs.). **Avaliação de fontes de informação na Internet**. Londrina: Eduel, 2004. p. 1-17.

TOMAÉL, Maria Inês et al. Critérios de qualidade para avaliar fontes de informação na Internet. In: \_\_\_\_\_. **Avaliação de fontes de informação na Internet**. Londrina: Eduel, 2004. p. 19-40.

TOMANIK, Eduardo Augusto. **Olhar no espelho:** “conversas” sobre a pesquisa em ciências sociais. 2. ed. Maringá: Eduem, 2004. 237 p.

TORRES, Patrícia Lupion; BEHERENS, Marilda Aparecida; MATOS, Elizete Moreira. Prática pedagógica numa visão complexa na educação presencial e a distância: os ‘REAS’ como recurso para pesquisar, ensinar e aprender. **Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 15, n. 45, p. 443-471, maio/ago. 2015.

UNESCO. **Conceito.** Disponível em; < <http://www.rea.net.br/site/conceito/>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

## Apêndice A – Questionário da pesquisa



Universidade Federal de Goiás  
Campus Samambaia, Cep 74001.970, Goiânia-GO  
Fones: 62 3521.1334/3521.1335  
www.fic.ufg.br - secretaria.fic@ufg.br



### QUESTIONÁRIO

O presente questionário integra a pesquisa intitulada “**Fontes de informação: um estudo de recursos educacionais abertos no âmbito biblioteconômico**”, da graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás (UFG). O objetivo desse estudo é analisar a utilização dos recursos educacionais abertos pela comunidade bibliotecária goiana.

De acordo com a Unesco (2011) recursos educacionais abertos são:

materiais de ensino, aprendizado e pesquisa em qualquer suporte ou mídia, que estão sob domínio público, ou estão licenciados de maneira aberta, permitindo que sejam utilizados ou adaptados por terceiros. O uso de formatos técnicos abertos facilita o acesso e o reuso potencial dos recursos publicados digitalmente. Recursos Educacionais Abertos podem incluir cursos completos, partes de cursos, módulos, livros didáticos, artigos de pesquisa, vídeos, testes, software, e qualquer outra ferramenta, material ou técnica que possa apoiar o acesso ao conhecimento.

Nesse sentido, solicita-se sua contribuição no preenchimento do formulário, esclarecendo-se que os dados serão utilizados somente no contexto do estudo, garantido o anonimato das respostas. A sua contribuição é primordial para o andamento da pesquisa.

**Ana Paula da Fonseca Vieira**

Acadêmica de Biblioteconomia  
Universidade Federal de Goiás (UFG)  
anapaulafonsecaafv@hotmail.com

#### 1 Caracterização do respondente

##### 1.1 Sexo:

Feminino ( )

Masculino ( )

##### 1.2 Faixa etária:

20-30 anos ( )

30-40 anos ( )

40-50 anos ( )

acima de 60 anos ( )

## 2 Formação acadêmica

	Curso	Instituição de ensino:	Ano de conclusão:
Graduação			
Especialização (indicar a última)			
Mestrado			
Doutorado			

### 2.2 Caso já possua graduação em Biblioteconomia, responda à quanto tempo concluiu sua graduação?

- ( ) menos de 1 ano                      ( ) entre 5 e 10 anos                      ( ) acima de 15 anos  
 ( ) entre 1 e 4 anos                      ( ) entre 11 e 15 anos

### 2.3 Qual(is) o(s) cargo (s) exercido(s) atualmente:

- Bibliotecário ( )    Auxiliar de biblioteca ( )    Estagiário em Biblioteconomia ( )  
 Professor ( )                      Outro ( )

### 2.4 Há quanto tempo exerce o cargo:

- ( ) menos de 1 ano                      ( ) entre 5 e 10 anos                      ( ) entre 15 e 20 anos  
 ( ) entre 1 e 4 anos                      ( ) entre 11 e 15 anos                      ( ) acima de 20 anos

## 3 Recurso Educacional Aberto

### 3.1 Você já se deparou com o termo Recurso Educacional Aberto (REA) na Biblioteconomia?

- Sim ( )                      Não ( )

### 3.2 Você conhece esse tipo diferenciado de fonte de informação?

- Sim ( )                      Não ( )

### De acordo com o conceito acima e o contexto em que você se encontra:

- Solicita-se, se bibliotecário, que responda o quadro A;
- Solicita-se, se professor, que responda o quadro B;
- Solicita-se, se aluno, que responda o quadro C.

Quadro A	Sim	Não	Não se aplica
Já divulguei recursos educacionais abertos para os usuários da biblioteca e/ou colegas de trabalho.			
Já compartilhei esse tipo de recurso com os usuários da biblioteca e/ou colegas de trabalho.			
Já incentivei o uso desse tipo de recurso pelos usuários e/ou colegas de trabalho.			
Já apliquei esse tipo de recurso em projetos desenvolvidos na biblioteca.			

<b>Quadro B</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>	<b>Não se aplica</b>
Já divulguei recursos educacionais abertos para os discentes e/ou docentes do curso.			
Já compartilhei esse tipo de recurso com discentes e/ou docentes do curso.			
Já incentivei o uso desse tipo de recurso pelos discentes e/ou docentes do curso.			
Já apliquei esse tipo de recurso em sala de aula e/ou projetos desenvolvidos no curso ou dentro da Universidade.			

<b>Quadro C</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>	<b>Não se aplica</b>
Já divulguei recursos educacionais abertos junto a outros alunos, professores ou no local de estágio.			
Fui incentivado a usar recursos educacionais abertos pelos professores e/ou colegas de curso.			
Já incentivei o uso desse tipo de recurso no local de estágio.			
Já apliquei esse tipo de recurso para o desenvolvimento ou apresentações de trabalhos acadêmicos.			
Já compartilhei esse tipo de recurso com outros alunos.			

#### **4 Processo de utilização da informação**

**4.1 Você tem o costume de realizar pesquisa em plataformas abertas, como Youtube, Veduca, Wikipédia, entre outras?**

Sim ( )

Não ( )

**4.2 Ao utilizar qualquer recurso aberto na Internet, seja ele para estudo pessoal ou aplicação no local de trabalho, você observa qual a licença (permissão de uso) do material?**

Sim ( )

Não ( )

**4.3 Qual o grau de credibilidade que você confere às informações obtidas através da Internet?**

( ) pouca

( ) a mesma credibilidade dos documentos impressos (livros, periódicos, etc)

( ) a credibilidade é menor que as dos livros e periódicos

( ) nenhuma credibilidade

**4.4 Ao localizar uma informação que você deseja na Internet, quais critérios você utiliza para considerá-la segura e de qualidade (pode marcar mais de uma opção):**

( ) Autoria

- Categoria do site (página institucional, portal especializado no assunto, etc)
- Linguagem utilizada para descrever o assunto
- Nenhum, o importante é ter a dúvida sanada

**4.5 Assinale quais as barreiras/dificuldades que você encontra para acessar ou usar vídeoaulas, materiais didáticos, softwares livres, vídeos online, páginas de conteúdo aberto e outros tipos de REA (pode marcar mais de uma opção):**

- barreiras geográficas e/ou linguísticas
- barreiras para compartilhamento e permissão de uso de recursos abertos
- barreiras como o desconhecimento desse tipo de recurso
- falta de conteúdo especializado em Biblioteconomia
- não se aplica